N.º 21 Janeiro e Fevereiro 1919



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Capitão Ribeiro Gomes ...	*A Direcção*
A nova Direcção	*A Direcção*
A eleição da nova Direcção	*Salvador Vieira Santana*
Miragens do outono	*Isidoro José de Brito*
Funeral do Coronel Ortigão Peres	*Jaime Mascarenhas*
Curiosidades astronomicas	*Manuel Lucas de Sousa*
Disciplina militar	*Rócel de Oliveira*
Ecos	*A Direcção*

Preço 4 centavos

1919
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro: Mário Candido Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Américo Alves e Jaime Gil Mascarenhas
Secr. da edacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director: Manuel J. Lucas de Sousa

N.º 21 — 4.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Janeiro e Fevereiro de 1919

CAPITÃO RIBEIRO GOMES

Publicando no nosso mensário a fotografia do Ex.mo Sr. Capitão João Ribeiro Gomes, um dos nossos mais queridos professores e um dos mais ilustres oficiais do Exército Português, queremos prestar assim a nossa mais sincera homenagem a quem longe da Pátria, da Familia e dos amigos que tanto ama, sofreu as agruras do presidio em terras inimigas. Fica-lhe bem esta homenagem humilde de *O Profissional* de que êle foi um dos fundadores e orientador; fica-lhe bem porque se honra assim um dos mais dedicados cooperadores da grande obra republicana, já educando-nos, já preparando-nos para as interesssantes labutas da vida. Como professor, a sua passagem pelas cadeiras de Geografia, História, e Economia Politica, ficou bem vinculada, mercê da sua excelente orientação, em que sempre procurou interessar-nos pelo estudo, e pelas leituras. Mais tarde quando ia colhendo os fructuosos resultados do seu esforço, o dever de militar denodado e de português digno, levou-o para essas terras da França, para um sector onde a imagem da Pátria e dos entes queridos, era recordada na Bandeira Nacional que altivamente tremulava aos ventos da Morte ou da Victória. Voltou, mais tarde no gôzo de uma licença.



Não se esqueceu então de nós, e veio cumprimentar-nos com aquela amabilidade que o caracterisa, interessando se pelas suas aulas, perguntando pelos rapazes, sempre confiante num breve regresso, e cheio de esperança.

Partiu dias depois para a frente, a retomar o seu posto. Mais tarde dava-se a memorável batalha de 9 de Abril, em que as tropas portuguesas perdendo com honra, se cobriram da mais elevada glória. Frente a frente, numa luta desigual gigantesca, a estoica falange das nossas terras, bateu-se até à morte, até ao último cartucho, para desbaratar a mole imensa dos exércitos alemães.

Carregando a cantar, morrendo como espartanos, os soldados de Portugal mostraram-se grandes e escreveram mais uma página gloriosa na nossa história Foi então que desapareceu o capitão Ribeiro Gomes. A noticia trazida pelos telegramas, correu célere por toda a parte.

Lastimaram-no todos e muito os seus alunos, aqueles rapazes que dele receberam uma educação sã e uma instrucção sólida. Se desaparecera do pôsto que lhe confiara a nação, daquele pôsto de honra, pelo menos a todos ficava a consolação de que êle tinha-se batido como um heroi, à frente dos seus soldados, daquela gente pequena e trigueira de que nos falava ameúde com prazer e saudades.

Passados tempos vieram noticias do bravo oficial, dando-o como prisioneiro nos campos de concentração alemães. Restava-nos ainda a fé de vê-lo voltar e retomar novamente o sua cátedra. E às vezes nas horas do recreio, à noitinha, falava-se nele, nos oficiais do Instituto que tinham partido, nos rapazes amigos e conhecidos que se encontravam na Flandres. E como num grito unânime ouvia-se dizer: «Ele há-de fugir ainda.» Fugiu, sim, cheio de saudade, maltratado pelos selvagens hunos do Norte, fugiu porque a sua ideia estava nos campos do seu país, entre os seus entes queridos; fugiu para na hora da victória, na hora em que uma rajada de alegria perpassa, com o derradeiro gemido do vencido,

para tornar a ver depois de cruciantes amarguras, a Pátria ditosa, a sua Esposa muito querida, os seus amigos, os seus discípulos, o seu Instituto, tudo aquilo de que êle se lembrava entre os infortúnios do cativeiro.

Vive já entre nós. Nas aulas dentro em breve, ouvir-se há, a sua voz amiga, e cá dentro ouvir-se há o bem da sua ideia superior e da sua dedicação santa e desinteressada.

Que seja bem vindo quem tanto tem trabalhado para o engrandecimento do Instituto e que receba as saudações de todos, o heroico militar, o honrado português, que tão altivamente soube afirmar o valor dos filhos dêste glorioso Portugal!

A Direcção

A NOVA DIRECÇÃO

Ao tomar posse da gerência de «O Profissional» a nova Direcção saúda o Dignissimo Corpo Docente do Instituto, os nossos prezados assinantes e camaradas.

A todos pede, pois, o mais desvelado carinho e cooperação para o bom desempenho do seu mandato, esperando ser desculpada das irregularidades da publicação e expedição dêste mensário.

Igualmente apresenta, em nome de todos os alunos, as suas sinceras homenagens, aos antigos camaradas: Soares Pinto, Mendonça, Rosa, Lampreia, Salvador e Malaguerra, pelas brilhantes classificações que obtiveram como remate dos seus estudos na Escola de Guerra.

A DIRECÇÃO.

A eleição da nova Direcção

Realizaram-se no dia 12 do corrente com a assistência de todos nós, as eleições dos corpos gerentes do nosso orgão.

Tomou a presidência da mesa o aluno Moedas da Silva escolhendo para seus secretários os alunos Vidigal e Beato.

Conseqüentemente abriu-se a sessão pela leitura do relatório das contas do jornal do ano económico transacto obtendo da assembleia unânime aprovação por estarem na melhor ordem as suas contas:

Em acto continuo procedeu-se à eleição da nova Direcção, ficando a mesma assim constituida.

Director, Lucas de Sousa com 72 votos.
Administrador, Gouveia Pinto com 61 voto
Secretário, João Brito com 56 votos.

Redactores

Américo Alves com 63 votos
Jaime Mascarenhas com 43 votos

Foi em seguida alvitrado um Conselho Fiscal que pela primeira vez é eleito afim de fiscalizar a escrita do mensário, e no fim do ano apresentar o respectivo relatório.

A constituição dêste corpo obteve o seguinte resultado:

Presidente, Vidigal com 39 votos
Secretário, Moedas da Silva com 36 votos.
1.º vogal Beato com 29 votos.
2.º vogal Pandáio com 22 votos

Esperamos nós dos Conselhos de Redacção e Fiscal os melhores resultados, vista a capacidade dos alunos que deles fazem parte ser demonstrada nas eleições pelos respectivos votos que obtiveram.

O novo director eleito, aluno Lucas, proferiu um breve e eloqúente discurso no que fez realçar a falta de original com que o nosso mensário lutou, modificando por vezes a sua marcha regular, chamando a atenção dos alunos para contribuirem com artigos para o jornal sem acanhamento algum, visto alguns alegarem que os das classes inferiores escrevem com mais dificuldade que os das superiores; claro está que um aluno, com menos conhecimento do que outro, fará um trabalho limitado à sua esfera de acção e por conseqüência proporcional ao que tem mais conhecimentos, devendo por isso todos abster se de tal receio escrevendo com a melhor boa vontade possivel e a linguagem compativel com o seu saber.

Esta breve alocução foi coroada do melhor exito, ficando com certeza o espirito dos alunos convicto que o escrever para o nosso mensário é um dever para todos sem excepção de cursos.

Finalmente foi pelo presidente da assembleia, aluno Moedas da Silva, encerrada a sessão.

Salvador Vieira de Santana

(Aluno do 5.º ano comercial)

Pelo nosso brio

Caros leitores, desculpai-me se vos agastar com o presente artigo, que não passa dum conjunto de mesquinhas palavras, mas que, para nós, alunos, poderão talvez dar-nos incitamento para o fim que tenho em vista.

Camaradas! Mais um ano decorreu para a titubiante existência do nosso mensário, cujo Conselho de Redacção tanto lutou com a falta de cooperação e de recursos financeiros, mas que contudo, há já algum tempo se tem mantido numas bases regularmente estáveis, que, os alunos que compõem êste ano o novo Conselho de Redacção, esforçar-se-hão por consolidar ainda mais.

Agora, mais que nunca, indispensável se torna, fazê-lo progredir e avançar por um caminho próspero para assim mais o vulgarizar.

Será decerto vergonhoso, se, por qualquer motivo, deixarmos de publicar o nosso orgão.

Em primeiro lugar, murmurariam: os Pupilos deixaram acabar o seu mensário; não tiveram brio, nem talvez capacidade intelectual para o manter!... Vê-les que semelhantes palavras seriam um verdadeiro descrédito, para a reputação dos alunos, e um profundo desgosto para o seu desvelado protector, o sr. Capitão João Ribeiro Gomes.

Mas não...

Os Pupilos saberão manter e levantar ainda mais, a obra que tanto lhes custou a iniciar.

Não o devemos deixar chegar ao momento angustioso, em que êle já se entreviu, durante o qual o nosso pouco pensar e distracção por completo nos subjugou.

Em segundo lugar iria prejudicar e desgostar os nossos poucos assinantes, que ficariam com a sua colecção incompleta.

Estou convicto, camaradas, que enquanto nesta Secção, existir um aluno dos que se interessaram pela sua fundação *O Profissional*, êste, não ha-de sucumbir à mingua de amparo.

Façamos de conta que êle é como um legado que nós deixâmos às gerações vindouras, que pizarem o solo desta benemérita obra, às quais compete zelar por êle, senão com mais cuidado, pelo menos com o que até hoje nós o temos mantido.

Creio que acontecerá pelo menos no principio do ano lectivo corrente, resentir-se um pouco a falta de original, pois que os alunos que para êle mais cooperavam, sairam no ano decorrido e muitos de nós têem acanhamento de para êle escrever.

Pois camaradas; nada de acanhamento, nada de imaginar que talvez desconsiderem os vossos artigos, e mesmo que tal acontecesse, lembrai-vos que ninguêm nasce letrado!

O homem no decorrer da sua vida e durante os seus estudos é que amolda o seu pensamento e dispõe, cada vez mais hàbilmente as suas ideas, que, mais tarde no fim dos seus aturados estudos lhe darão o dom da palavra. Portanto nada tendes a receiar.

Sem dúvida ninguêm chega ao fim dum caminho antes de o ter totalmente percorrido!

Assim, nós não poderemos exprimir-nos muito bem e facilmente, sem passarmos pelas maneiras mais simples e acanhadas de o fazermos.

Não temeis camaradas; concorrei todos com os vossos artigos, para que não mais, se torne a luctar com dificuldades de semelhante categoria.

Seria uma obra benéfica que farieis, se todos assinassem o nosso estimado mensário e aqueles que o não o podessem fazer, conseguissem arranjar assinantes como alguns dos nossos camaradas já têem feito; pois que assim livrariamos o Conselho de Redação de luctar com dificuldades financeiras como infelizmente tem acontecido até aquí

A par disso, assinando-o seria uma recordação que teriei dos nossos camaradas, que já se estendem. quer no país, quer nos campos de batalha, expondo assim os seus peitos à metralha. São amigos, que, quem sabe, os estaremos perdendo? E, visto que a linguagem nos revela os caracteres, relendo os seus artigos, poderieis, assim mitigar as saudades, daqueles, que, infelizmente só o destino, sabe se nos deixarão!... E a vós camaradas, eu afirmo que a nova Redacção, fará todo o esforço possivel, para continuar o zêlo e carinho, que o ulterior Conselho, dispendeu ao nosso querido «Profissional». Igualmente podereis certificar-vos de que a actual Redacção, estará sempre pronta a dar iniciativa na cooperação literária do nosso orgão.

Jaime Gil Mascarenhas
5.º Ano Comercial

Em nome dos seus camaradas, a Direcção de *O Profissional* apesenta sinceras felicitações, pela promoção ao pôsto de alferes da Administração Militar, aos seus antigos companheiros: Soares Pinto, Mendonça, Rosa, Lampreia, Salvador e Malaguerra.

O Profissional deseja aos seus prezados assinantes um novo ano muito feliz.

MIRAGENS DE OUTONO

PROMETEU

Oh! louco que agonisas na montanha,
— Gargalhava o abutre a Prometeu: —
Tira os olhos patéticos do ceu,
Olha da terra a confusão estranha...

A vista lança em torno... Eis no que deu
A tua audácia insólita e tamanha:
Por toda a parte o mal com negra sanha
Como serpre sinistra se entendeu.

Não ouves o estrondear das bacanais,
Das cóleras dos povos, — os chacais —
Que em lutas fraticidas se consomem?...

Mas súbito calou-se.. Enraivecido,
Bramia Prometeu, o olhar dorido:
Ah! maldita hora em que eu dei vida ao homem!

A VENUS

Calai-vos, aves mil, de entre a espessura,
Suspendei vossos cantos harmoniosos,
Calai-vos, doces ventos suspirosos,
Vossa mágua abrandai, vossa amargura.

Oh! fontes que correis, vindas da altura,
E oh! vós ermos choupais — monges chorosos —
Deixai êsses murmúrios lastimosos,
— Se o bem é vão, a dôr nem sempre dura! —

Que tudo cesse em torno... E entre perfumes
Divaguem astros e perpassem mumes,
Retumbam cantos e desponte a flor ..

Pois já ao longe as formas vaporosas
Feitas de luz, de beijos e de rosas,
De Vénus vejo, a deusa do Amor!...

Isidoro José de Brito Júnior.

EM FARO

Funeral do Coronel Ortigão Peres

Realizou-se em Agosto, o funeral do nosso chorado Director, o sr. Coronel Ortigão Peres, nesta cidade, aonde chegou em combóio especial, depois de haver estado alguns dias depositada a sua urna, numa das salas do Arsenal da Marinha, onde aguardou, a solução da greve ferroviária.

Decerto não são as minhas vãs palavras leitores, que darão o colorido emocionante, do que se passou na infeliz hora, em que um dos nossos grandes génios militares, desapareceu da sociedade portuguesa, para ir repousar eternamente ao lado daqueles que da sua honrada familia foram úteis à Pátria. Mas enfim, vou mesquinhamente explicar, como o meu saber permite, pois não quero, apezar de tal, deixar de enaltecer, até ao último momento, as honrosas qualidades do nosso ex-Director, sr. Coronel O. Peres.

Não me recordo a data precisa, mas sei que era no dia em que foi solucionada a greve acima. Eu estava em Faro no goso de férias grandes.

Eram aproximadamente 21 horas dêsse mesmo dia, quando o silvo da máquina de combóio soou na estação dos caminhos de ferro. Um combóio chegara à estação e era o primeiro que depois da referida greve, chegava ao Algarve. Na cidade houve algum entusiasmo.

Vários indivíduos afluiram a vê-lo; eu não fui porque as condições do momento não m'o permitiram.

Na minha mente apenas se deliniava a ideia, de um combóio vindo de Lisboa.

Segundo, constava na cidade, era especial e trazia pessoal dos caminhos de ferro de Sul e Sueste; mas o principal ignorava-o eu e na cidade não o ouvi relatar. Sómente no dia imediato de semelhante coincidência tive conhecimento.

O combóio tinha partido de Lisboa nêsse mesmo dia, trazendo também os jornais da capital, que no dia imediato foram postos à venda.

Só tive noticia do facto no dia imediato. Ainda não eram 12 horas, eis que lendo o jornal O *Século* para saber o que se havia passado por motivo da greve, leio a seguinte noticia, cujo resumo se segue. «Parte hoje para Faro o corpo do Coronel Ortigão Peres».

O combóio correio de Lisboa, nesse dia ainda não havia chegado.

Eu muito iludido, dirigi-me à estação a preguntar, se no combóio que chegaria de Lisboa, vinha a urna do Coronel O. Peres, quando não foi o meu espanto, ao retorquirem-me que o dito corpo chegara na noite anterior no combóio especial!

A razão foi que, o combóio após a solução da greve, em vez de partir do Barreiro de noite, partira de dia, levando a urna, noticia que os jornais dêsse dia haviam de publicar e que eu consegui ler, só no dia imediato.

Admirado do ocorrido, imediatamente me dirigi, à igreja da Esperança, junto ao cemitério do mesmo nome; e ai encontrei a urna do nosso falecido Director sôbre um pedestal pois que ela para ali havia sido transportada na noite anterior.

A igreja é pequena, e o ataúde estava situado no meio da nave. Algumas pessoas ve-

lavam sentadas em dois bancos dispostos paralelamente ao ataúde.

A urna estava coberta com uma bandeira nacianal de 3 panos; nos seus topos ostentava, várias coroas francesas entre uma ou duas nacionais, inscrindo dedicatórias, que o honravam sobre maneira.

Eram já 16 horas e o funeral realizar-se hia às 20 h.

Durante duas horas, estive ouvindo, a narração comovente, que a respeito do falecido, fazia uma senhora de idade avançada, que o conhecia conforme ela dizia, desde menino. Depois fui a casa e quando lá tornei eram 18 horas e meia.

Os numerosos oficiais que de Lisboa, tinham vindo acompanhando o desditoso Corone e outros de vários pontos do Algarve, apeando-se dos numerosos trens, que iam formando ao lado direito da porta do Cemitério iam agrupar-se no adro da igreja.

O tempo avançava e o funeral estava preste a realizar-se.

Chegou o momento de o descrever, dando-lhe sem dúvida o colorido insuficiente para tão arrebatador momento, em que dezenas de cérebros, recordam com profunda mágua, o mesmo pensamento; a perda irremediável dum exemplar chefe de família, dum amigo e sobretudo dum vulto caro à Pátria.

Sei que estas frias palavras, a quem o meu saber não mais podem enaltecer, não vos elucidam bem, sôbre a angústia da ocasião que transcrevo, mas convicto que me não deixarão de prestar justiça, prosseguirei.

Entre os oficiais que se achavam presentes, encontrei o nosso capitão Palermo, que ainda há pouco tempo fazia serviço na 1.ª secção, que me disse ter vindo a acompanhar o corpo e também vir proferir um discurso junto à última morada do falecido, o que mais detalhadamente adiante farei mensão.

Acabaram de bater 20 horas no relógio da igreja do Carmo, o pálido brilho do sól de Agosto, resplandecia ainda no horizonte, assimilhando abster-se de refugiar-se, oferecendo a ideia, de desejar com o seu semi-apagado clarão, penalizar mais aquela, melancólica e sentimental scena.

Ao mesmo tempo, que chegava o padre, para fazer a última praxe religiosa ao infeliz finado, e um sujeito, constituia os turnos, que ditava dum papel e que haviam sido anteriormente nomeados.

Também os ex.mos irmãos do falecido estavam presentes; sua ex.ma esposa e filhas embora habitem em Faro, a sua dor, não lhes permitiu o incorporarem-se no funeral.

Enfim, foi o féretro erguido do pedestal sôbre que estava apoiado, pelos empregados até ao primeiro descanço e daí ao jazigo foi levado pelos turnos, dos quais um era constituido por uma deputação de praças da armada. Depois de percorrermos algumas ruas do cemitério, paramos junto ao jazigo Ramalho Ortigão, que fica situado num canto do cemitério.

O acompanhamento era numeroso encontrando-se em maior número oficiais, tanto do exército como da marinha.

Próximo da última morada, dois oradores usaram da palavra, sendo um, o nosso capitão Palermo, que em estimulantes palavras que a custo lhe saiam da garganta, devido ao seu estado de dor, enalteceu a imortal memória, o firme carácter, as suas profícuas e imorredouras obras, tanto como oficial brioso e director dêste Instituto, daquele carácter nobre, que em plena vida e em plena mocidade foi arrebatado pelas azas da morte.

O outro Sr. orador, aludio igualmente às suas faculdades intelectuais e morais. Apresentando uma parte do honroso relatório das campanhas de Africa do nobre extinto, referindo-se também ao cargo de Adido Militar de Portugal em Paris, missão que garbosamente desempenhou e durante a qual a negra morte o arrebatou ainda na flor da idade.

Nêste acto todos os rostos revelaram intima comoção, mas entre todos era especialmente a comoção dum oficial, cuja face era banhada pelas lágrimas!

Em acto continuo a urna foi introduzida no jazigo, sua última e derradeira morada e agora o sol já no ocaso, acompanhava o desditoso, até ao frio e eterno descanço, com o último raio de sincera saudade, tambem por êle, como por aqueles que foram úteis à Pátria e também por quem muitas peitos ancearam.

Ora vêde leitores, como um carácter inteligente e nobre se subtrai ao labutar da vida para tão honrosamente, deixar de brilhar na sociedade, onde foi distinto!

Eu e meus colegas, dirigimos à família enlutada, os mais respeitosos preitos de sentimento, pela perda eternamente gravada nos maguados corações daqueles que lhe pertenram.

Jaime Mascarenhas

Aluno do 5.º ano comercial

Deram ingrêsso na Escola de Guerra os antigos camaradas Isidoro, Cabral, Amaral, Correia, Santos e Oliveira A todos êles as maiores felicidades, é o qne lhes deseja *O Profissional.*

CURIOSIDADES ASTRONOMICAS

Duas palavras

Iniciando a publicação de uma série de artigos sobre Noções de Astronomia, desde já declaro, que êles não passam de um singelo e imperfeito escorço de uma obra do grande astrónomo Camilo Flammarion. Peço pois que me relevem os erros que venha a cometer, pois não é da minha humilde inteligência o conhecê-los e emendá-los.

O Sol

Todos nós conhecemos a Via Láctea, essa larga faixa de uma luz pálida e esbranquiçada que nas noites claras e limpidas, refulge no céu. É a estrada de S. Tiago, diz o vulgo, é um aglomerado de estrêlas dizem os sábios.

Invisiveis à vista desarmada, distinguindo-se apenas algumas com o auxilio de um pequeno óculo, os astronomos com os poderosos instrumentos ópticos de que dispoem, já contaram para cima de 18 milhões.

O Sol, o nosso adorado Sol, não é mais do que uma das estrêlas que compõem a Via Láctea. Tão calmo na aparência, ê e é o agente fecundo que sob a influência dos seus raios benignos, vem trazer a vida ao globo em que nós vivemos. O Sol que, ao meio dia, nós vemos como um pequeno disco branco e à tarde com uma coloração vermelha, é um globo imenso cujas formas colossais, excedem o limite do perceptível. Com efeito o seu diametro, que nos parece tão minúsculo, olhando-o atravez de um bocado de vidro fumado é 109 vezes maior que o da Terra, ou sejam 1.394.000 quilómetros. Façamos por meio de umas breves comparações, compreender o que significa semelhante número. Se representássemos por uma esfera de 1 metro de diâmetro a Terra, teríamos de representar o Sol por uma esfera de cento e nove metros de diâmetro.

Tracemos no chão uma circunferência de 1 metro de diâmetro e coloquemos-lhe ao lado um pequeno belindre. Represente o belindre a Terra e a curva o Sol, e nós teremos assim bem frisante a enorme desproporcionalidade que existe entre os dois astros. Em volume, o Sol é 1.280.000 vezes maior do que o globo que habitâmos. Se um feijão representasse a Terra, seriam necessários 1.280.000 feijões para formar um monte com um volume proporcional ao do Sol. Peza trezentas e vinte e quatro mil vezes mais que a Terra, o que quer dizer: mil novecentos e trinta octiliões de quilogramas, ou mais correctamente 193.036.932.000.000.000.000.000.000! A sua dimensão aparente, devido à enorme distância que o separa de nós é de pouco mais de meio grau (32) mas a sua dimensão real é de 1.383.000 quilómetros. Separam-nos do do Sol 149 milhões de quilómetros. Assim se quisêssemos fazer uma estrada da Terra ao Sol, preenchendo o espaço que nos separa com globos do diâmetro da Terra, seriam necessárias onze mil seiscentas e noventa e três Terras para tal fazer, enquanto que, se fôsse ùnicamente à Lua, que está 388 vezes mais próxima de nós que o Sol, bastariam trinta!

Para podermos conceber semelhate distância, examinemos os seguintes exemplos: se se formasse um comboio directo com destino ao Sol e que andasse à razão de um quilómetro por minuto, levaria para lá chegar 103.472 dias, ou sejam 283 anos. Se nesse combóio partissem viajantes, é evidente que não seriam êles, que chegariam ao fim da sua viagem, dada a duração normal da vida humana. Só a sétima geração lá chegaria, e só a décima quarta, nos poderia trazer notícias de lá. Uma bala de canhão levaria dez anos para atingir o Sol, todavia a luz cuja velocidade é de 300.000 quilómetros por segundo leva apenas oito minntos e dezassete segundos a transpor tão imensa distância!

Com os números e comparações que atrás deixamos, já se deverá fazer, ainda que pálida, uma simples idea do que é o Sol, da enorme distância que nos separa, do seu pêso, da sua massa e da sua superficie.

Passemos agora à sua forma e composição.

A superficie do Sol não é lisa e unida como se poderia julgar, mas sim granulada e apresentando uma grande quantidade de pequenos pontos luminosos, desseminados sobre um fundo mais escuro, de que os poros de uma laranja podem dar um exemplo.

Sôbre a influência de várias perturbações que se dão na sua superficie, êsses poros alargam-se e dão origem às *manchas*.

Estas, são em geral de forma arredondada ou oval e observam-se nelas duas partes distinctas. Uma central e escura que é o *núcleo* ou *sombra*; outra periférica, mais clara, que é a *penumbra*. O núcleo que na superficie solar parece negro, emite ainda assim uma luz duas mil vezes mais intensa que a Lua cheia. As manchas chegam a ter tais dimensões que se observam da Terra à vista desarmada, simplesmente protegida contra a intensidade dos ráios solares, por um vidro fumado, Os astrónomos mediram algumas cujo diâmetro excede dez vezes o da Terra, ou seja o respeitável número de cento e vinte mil quilómetros! Uma consequência da descoberta das

manchas, foi a conclusão a que se chegou de que o globo solar tem um movimento de rotação em torno do seu eixo no sentido de leste para oeste. Com efeito as manchas, desaparecem no bordo ocidental catorze dias depois de surgirem no bordo oriental, e às vezes uma dada mancha depois de estar invisível 14 dias, aparece novamente no bordo oriental, onde já surgira pela primeira vez vinte e oito dias antes. A reaparição das manchas é em média de vinte e sete dias, pois que a Terra, não está imóvel, e a sua translação se efectua no mesmo sentido que o movimento do Sol. Na realidade o movimento de rotação completa do Sol, leva a realizar-se 25 dias, 4 horas e 29 minutos.

Foi Galileu que em 1611, notou primeiramente êste fenómeno das manchas e concomitantemente o da rotação solar.

Nos bordos solares notam-se ainda regiões muito brilhantes, que em parte rodeiam as manchas e algumas vezes precedem à sua formação, e que são denominadas as *fáculas*.

O globo solar não gira como a Terra; cada parte da sua superficie gira animada de uma velocidade diferente, velocidades estas que vão diminuindo do equador para os polos. Logo conclue-se daqui que a superficie, ou talvez o todo solar não é sólido.

É um futuro mundo ainda em via de solidificação e formação.

A duração das manchas é variável, sendo algumas vezes de meses. Teem periodos de aparecimento, variando entre onze a doze anos. Tem-se notado que o magnetismo terrestre, as auroras boreais, e as temperaturas, seguem um certo paralelismo com a maior ou menor aparição das manchas.

Quando observamos o Sol, vemos um disco de um fulgor incandescente ao meio dia e uns admiráveis tons de púrpura à tarde.

Essa superficie deslumbrante e fascinadora é a *fotosfera* (esfera da luz). E quando nós admirâmos êsse disco que nos fere a vista com os seus coruscantes raios, mal pensâmos as tempestades de que êle está animado. É um mar revôlto, cujas ondas de fogo, róseas e transparentes, atingem as colossais alturas de quinze a vinte mil quilómetros! É a *cromosfera* (esfera de côr), que só é visivel, durante os eclipses totais do Sol, quando a Lua o oculta inteiramente, ou com o auxilio do espectroscópio. Do Sol o que nós vemos é a sua superficie luminosa a fotosfera, pois que a cromosfera é transparente. Afora as manchas e as fáculas, notam-se ainda imensos turbilhões de fogo que escapando-se da fotosfera, se projectam no espaço animados de velocidade inconcebiveis, que chegam a ultrapassar duzentos quilómetros por segundo, e a elevar-se a trezentos mil quilómetros! Estas gigantescas massas de chamas são chamadas *protuberâncias*. Só são visíveis durante os eclipses totais do Sol, ou por meio do espectroscópio como a cromosfera.

As observações que os astrónomos fizeram, juntas a análise espectral, mostram-nos que as protuberâncias são formidáveis explosões, que arressam pelo espaço fora massas colossais de hidrogénio incandescente. Ainda durante os eclipses totais do Sol observa-se uma região que até hoje tem escapado às mais minuciosas observações. É uma espécie de auréola brilhante e rosada, da qual se destacam compridas agulhas luminosas, que alcançam distâncias imensas, em tôrno do Sol.

Esta auréola, espécie de atmosfera rarefeita, que se julga constituida pelas poeiras cósmicas, chama-se *coroa* e as agulhas luminosas que dela se destacam *aigretes*.

A análise espectral, mostra-nos a existência de grande número de corpos no globo solar, e o facto de muitos deles se acharem no estado sólido na Terra, denota bem a temperatura prodigiosa a que está sujeito o Sol. Os melhores cálculos levam a supô-la de sete mil graus centigrados.

Todavia êles só se referem à temperatura exterior; a interior deve ser bem mais considerável. Alguns exemplos, para avaliar semelhante calor: para produzirmos uma quantidade de calor igual à emitida pelo Sol num dado momento, seria necessário efectuar a combustão simultânea de onze quatriliões e seiscentos mil biliões de toneladas de carvão de pedra! Essa massa estupenda faria ferver por hora dois triliões e novecentos milhões de quilómetros cúbicos de água a zero graus centigrados! Pouillet, referindo-se ao calor solar, dizia que êle era capaz de derreter num ano uma camada de gêlo de noventa pés de espessura que cobrisse a Terra inteira.

Um académico francês Janssen, entre vários considerandos que faz para demonstrar o enorme calor das radiações solares, diz que seria necessário o carvão extraido durante 600.000 anos supondo que se produzem umas 500.000.000 de toneladas por ano, para produzir o calor que o Sol nos subministra, nos 365 dias do ano.

Refere igualmente que a superficie exposta a essas radiações é de 633.557.000 quilómetros quadrados; e que o Sol nos envia por minuto 454 milhões de calorias. Fiquemos por aqui.

(Continua)

Manuel Lucas de Sousa
7.º ano do curso comercial

DISCIPLINA MILITAR

Era no verão.

Os exercícios militares estavam no seu auge.

Pelos campos estendiam-se os acampamentos cujas barracas alvejavam ao sol num fundo esbatido do verde das campinas.

Pelas estradas inúmeras filas de militares desfilavam de mistura com o material e lá iam sob o sol ardente do estio para outras paragens a exercitar-se no duro mister da guerra.

Outras vezes o toque de alvorada soava pela noite adiante, o equipar era feito à pressa e lá partiam ainda estonteados, sob a claridade da lua, que no firmamento os envolvia no seu esbranquiçado clarão, fazendo-os semelhar ao desfilar, a longas filas de espectros.

Numas dessas noites, uma fracção fez alto e acampou no sopé duma colina na vertente da qual se divisava uma aldeia.

No exército nunca se podem esquecer os ditosos momentos passados no seio da família, e é com infinita saudade que se relembram os pequeninos nadas a que geralmente se não presta atenção mas que em certos momentos a recordação nos comove profundamente; é então que se lhes presta atenção e comprendemos quanto nos é caro o carinho e as afeições familiares contra tando com a rudeza militar.

Nestas condições encontrava-se um soldado novo nas fileiras, que antes de nelas dar ingresso, entretinha-se como a maioria dos seus companheiros no amanho das terras e a levar a pastar pelos campos fora o seu rebanho.

Sempre obsecado pela nostalgia da sua terra, sequioso dos afectos paternais o seu júbilo e a sua comoção foram enormes, quando do sitio onde tinham acampado, reconheceu o lugar em que nascera, e até então vivera e donde partira para a tropa, deixando na sua casinha os pobres pais lavados em lágrimas receosos da sorte do filho querido e sentindo a falta que êle lhes fazia, arroteando o seu pequenino campo.

Por diante dos seus olhos desfilaram as scenas da partida, a ordem, brutal no seu significado e que o forçava a desempenhar um dever que lhe diziam sagrado, mas de que êle sentia dizer à sua consciência que não havia de existir lei que assim o fizesse sofrer moral e materialmente.

No entanto ainda não chegara a hora da libertação, e êle lá ia ouvindo assoprar-lhe aos ouvidos palavras que êle não compreendia no seu sentido, e só lhe sentia o pêso pelo tempo que por meio delas o faziam assim estar longe dos seus.

Vendo-se pois perto de casa e sentindo mais a influência da nostalgia não quiz recordar-se dos deveres e dos castigos que sofreria e recomendando silêncio aos seus companheiros lá foi direito à aldeia.

As boas vindas, mal êle chegou, foram-lhe dadas pelo «Nero» o fiel cão, seu companheiro das longas tardes das pastagens.

O inteligente animal dir-se ia à vista das demonstrações de alegria com que saudava o seu dono, também sentir o pêso da ausência como os santos velhos, que na soleira da porta o abraçavam de envolta com as exclamações de alegria.

Foi cruel a sua desilusão, quando ao instar com êle para que comesse e repousasse êle lhe respondeu que não podia, pois tinha vindo de fugida.

Na estrada uma ordem, fez levantar o acampamento mais cedo do que marcado e ao proceder-se à contagem vereficou-se a falta de um soldado.

A voz do capitão perguntando o resultado e ao saber a falta agravada com a noticia que tinha ido à sua terra, a rudeza militar mais uma vez se fez sentir sem se importar com o que faria assim faltar á disciplina, e a voz do capitão soou de novo.

Saiu então da estrada?

Terá a correcção.

E o pobre do soldado voltando mais consolado da sua saudade foi atirado para uma prisão onde refletiu e achou demasiado que por uma ausência de poucas horas a Pátria fôsse lesada.

Rócel de Oliveira

4.º ano Industrial

ECOS

Aos nossos antigos camaradas, Otelo Lima, Martins, Denis, Neves, Inácio, Barata, Aristides, endereçâmos as mais sinceras felecitações pela sua entrada como sargentos para as fileiras do nosso Exército.

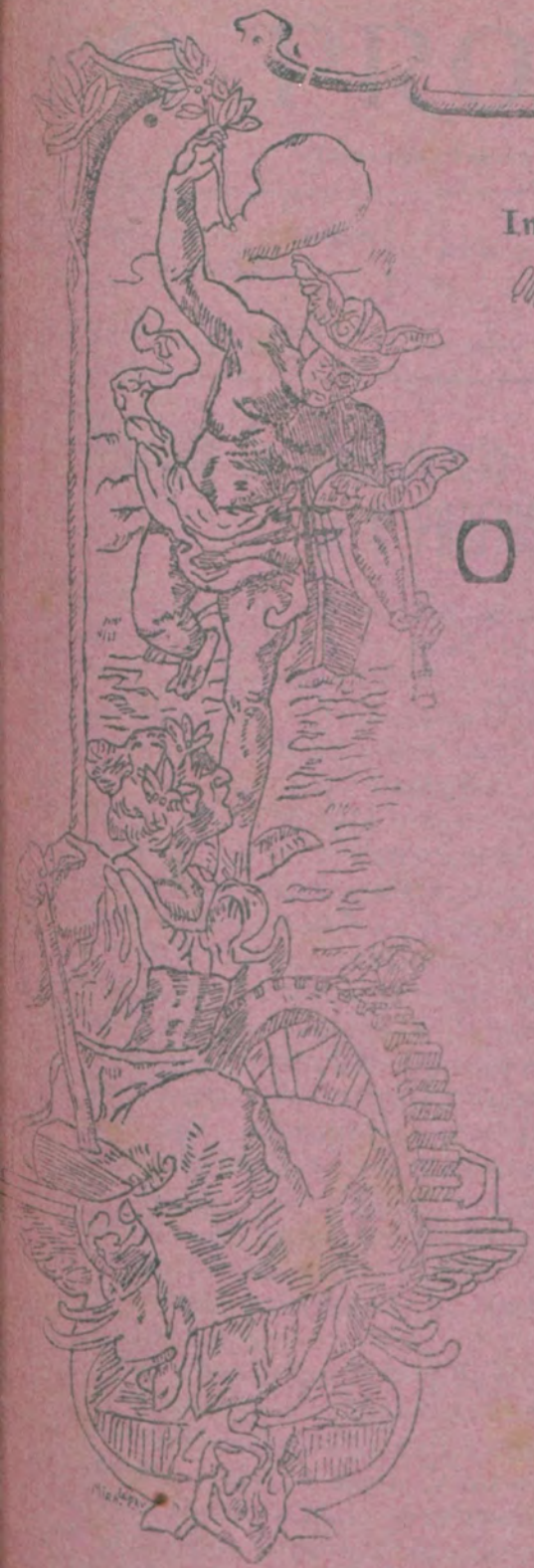
◇◇◇◇

Igualmente felicitamos o nosso antigo camarada e mui dignissimo ex-director de *O Profissional*, José da Cruz Barroso Júnior, pela sua entrada para a Provedoria Central da Assisteucia Pública, como 3.º oficial de Contabilidade, bem como o nosso condiscipulo Calado pelo seu ingresso na vida prática, como empregado no escritório na Companhia dos Açucares.

◇◇◇◇

Ao nosso camarada Gil, igualmente apresentâmos os nossos votos, pela sua entrada para as oficinas da Escola de Guerra, como encarregado.

N.º 22 Março 1919



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMÁRIO

Relatório da administração de «O Profissional»	*Mário Gouveia Pinto*
Uma manhã de invernia	*Jaime Gil Mascarenhas*
Cantando (versos)	*Isidoro José de Brito*
O sapateiro pobre	*Renato Brito*
Os mares e o barbarismo alemão	*Jaime Gil Mascarenhas*
Curiosidades astronómicas	*Manuel Lucas de Sousa*
Um herói	*Avelino Nunes Branco*
Necrologia	*A Direcção*
Ecos	» »

Preço 4 centavos

1919
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro: Mário Cândido Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Américo Alves e Jaime Gil Mascarenhas
Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director: Manuel J. Lucas de Sousa

N.º 22 — 4.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Março de 1919

Relatório da administração de O PROFISSIONAL

Tenho a honra de apresentar, em nome da ex-Direcção de «O Profissional» à Assembleia Geral, as contas da gerência do referido mensário, desempenhando-nos assim dum cargo deveras espinhoso, no serviço do qual procurámos sempre proceder com o melhor critério e empregar o melhor dos nossos esforços e boa vontade.

Já o ano passado se tornou público o relatório das contas, claro e conciso que acentuou um notável aumento de receita com a entrada de muitos e bons assinantes. Ele obteve a aprovação de todos vós porque não podia ser nem mais explícito nem mais honesta a administração dos nossos antigos camaradas que se dedicaram profundamente ao progresso do nosso orgão certos de que assim alguma coisa se contribuia para elevar o bom nome do Instituto.

Recordar como começou a vida de «O Profissional» as lutas, as contrariedades, tudo, tudo enfim que não é próprio relatar aqui, levar-nos hia muito tempo e nada se remediaria.

Entrando propriamente no assunto e findas estas considerações, que reputo indispensáveis, julgo conveniente apresentar não na totalidade, mas na parte mais contabilista o relatório do ano passado.

Vejamos o livro «Caixa» no que respeita ao ano de 1916-1917.

De 15 de Janeiro de 1917 a 28 de Julho do mesmo ano

DEVE:

Assinantes	21$27
Conselho Administrativo	20$00
Cofre da 2.ª companhia	20$00
Diversos	10$52
	71$79

HAVER:

Despezas gerais	21$59
Cofre da 2.ª companhia	30$02
Conselho Administrattvo	20$00
Saldo para o ano seguinte	$18
	71$79

É intuitivo que a parte «Deve» representa todas as entradas em numerário e a parte «Haver» todas as as saídas.

Vejamos outro livro, o de c/depósitos com o Cofre da 2.ª companhia:

Depósitos	30$02
Levantamentos	20$00
Saldo a n/favor	10$02

Isto equivale a afirmar que havia um saldo total a favor de «O Profissional» na importância de 10$20.

Havia ainda a acrescentar importâncias que nos deviam então e que teem sido pagas pouco a pouco, à excepção duma delas a mais importante, contraída pelos alunos da 1.ª secção, na totalidade de 5$20 e cuja satisfação não foi realisada por motivos que ignoramos.

Analisemos detalhadamente o livro «Caixa» e justifiquemos as despezas mais importantes.

A conta Conselho Administrativo está creditada por uma quantia de 20$00. Foi esta soma empregada pela

Direcção de «O Profissional» para a tiragem do n.º 13-14 (especial) cuja qualidade de papel foi melhorada e que comportou 10 gravuras (documento de despeza n.º 1). Com a receita auferida na venda dêste número pagou-se êste débito que tinha sido contraído por empréstimo.

A conta «Despezas Geras» é debitada pela quantia de 21$59 que é justificada pelos respectivos documentos de despeza.

Na gerência finda em Julho de 1918 durante a qual se publicaram 6 números dêste mensário, conquanto a administração não tenha sido tão boa quanto seria o meu desejo, alguma coisa se fez.

Lutando-se com a extrema morosidade da tiragem, com a falta de original e com tantas outras desvantagens que desnecessário é evidenciar, impossível se tornou uma maior e mais ampla publicação.

Apesar destas constantes contrariedades, alguns melhoramentos se realisaram.

Vejamos o livro «Caixa»:

1 de Janeiro a 30 de Agosto de 1918

DEVE:

Assinantes	29$77
Cofre da 2.ª companhia	11$50
Conselho Administrativo	3$48
Saldo do ano anterior	$18
	44$93

HAVER:

Despezas gerais	16$02
Conselho Administrativo	11$60
Cofre da 2.ª companhia	16$30
Saldo a n/favor	1$01
	44$93

Não se poderia ter alcançado um saldo maior?

Decerto que sim, mas então impossível se tornaria publicar a gravura do Ex.mo Sr. Ortigão Peres que foi nosso saudoso Director, e é preciso notar que, apesar das grandes despezas que se fizeram com essa publicação, que ultra passaram 12$00, o preço do mensário não foi aumentado.

Ainda na conta «Despezas gerais» e mesmo deduzida da totalidade a quantia de 12$00, fica-nos uma importância de 4$00 que foi despendida com o melhoramento do papel, com a expedição dos mensários, etc.

Para lastimar é ter de confessá-lo, mas a isso me obriga o dever, que houve um prejuizo, não tão pequeno como á primeira vista parece, no número em que foi publicada a supracitada gravura.

Na conta Conselho Administrativo está lançada a quantia de 11$50, soma das duas importancias 6$00 e 5$50, que, como se prova por meio dos recibos passados em nome de «O Profissional», foi gasta com a compra de papel.

É justo confessar que o Conselho Administrativo nos presta um grande e valioso auxílio fornecendo-nos papel, conquanto êle seja muito ordinário; o que é verdade é que se assim não fosse o preço do jornal tinha que ser mais elevado e quando a $04 poucos o compram a $05 ou a $06 quasi ninguem o compraria.

Fica assim explicada a despeza que se fez com o melhoramento do papel.

A C/Cofre da 2.ª companhia representa o dinheiro que nós depositámos para maior segurança e não uma despeza como era de prever.

No débito a conta Assinantes acusa sómente 29$77 em virtude do não pagamento de grande número de assinantes que estou certo satisfarão os seus débitos no ano de 1918-1919.

Examinando o livro «Depósitos à Ordem» vemos que os depósitos atingem a quantia de 26$32 e os levantamentos são na importância total de 11$50 o que equivale a dizer que há um saldo a nosso favor de 14$82 que junto ao saldo de Caixa prefaz a quantia de 15$83.

Podemos constatar portanto, comparando êste saldo com o da gerência antecedente que houve um aumento de receita, apesar das despezas efectuadas das quais já citei as de maior valor.

Julgo pois frisar bem tudo o que diz respeito à administração de «O Profissional» no ano de 1917-1918, pondo à vossa disposição, tornando patente, toda a nossa escrita em presença da qual melhor poderei elucidar a quem tenha suscitado dúvidas o presente relatório.

Mário Gouveia Pinto
Aluno do 7.º ano comercial

UMA MANHÃ DE INVERNIA

Estávamos numa tempestuosa manhã de Janeiro, após três dias do recomêço das aulas, depois das últimas férias do Natal.

Seriam cinco horas da manhã, quási horas da alvorada.

Eu estava acordado e ouvia lá fora o vendaval e a copiosa chuva, que rugiam furiosos.

Que trevas! Nem um raio de claridade nos vinha iluminar.

A camarata estava pálidamente alumiada por um candieiro a petróleo, que semi-apagado, como nós parecia dormir também.

Nêsses dias, tinha havido falta de energia eléctrica, porque o vendaval, tinha derrubado alguns postes, na estrada de Circunvalação.

Olhei para a atmosfera, mas nada distingui tudo se me afigurava, uma compacta escuridão. O vento soprava com uma ferocidade monstruosa, aumentado ao açoitar rijamente as árvores vizinhas, a chuva, em espessas bátegas batia fortemente nas vidraças, com o seu enfadonho tic-tac, ao mesmo tempo que ribombavam os trovões. Eis os perturbadores agentes dos dourados sonhos de meus camaradas.

Quando sinistramente relampeiava, o nosso dormitório, tornava-se num luminoso e assombrador quadro.

A manhã, ou antes a noite, estava terrivel!

Porêm os meus camaradas dormiam!...

Mas se teriam formosos sonhos, se sonhariam nas suas sendas de aureolados ambições!...

Isso não sei.

Mas o que quási posso certificar, é que muitos cérebros, estavam naqueles momentos envôltos nas recordações dos últimos dias de férias, naqueles dias, em que deixaram os lares das suas terras tão formosas, dêste esbelto país. Tantas almas alheias à tempestade que entristrece os corações!...

A chuva e o vento, eram os únicos perturbadores dêsses acalentados sonhos.

Mas o último momento, dêsse descanço ia soar.

Passos graves, pisavam o chão da sala contigua. O oficial de serviço, corneteiro e serviçais, estavam já levantados, êstes últimos acendendo os candieiros, anunciavam-me a hora da alvorada.

Eram 5 1/2. O corneteiro toca a alvorada.

E então logo às primeiras notas, aqui e alêm já automáticamente os nossos corpos se erguem, mas a maior parte deles alheios a esta atroz realidade.

Os cérebros vagueiavam, ainda naqueles longiquos e venturosos sonhos!

Rápidamente em acto continuo, formámos para irmos tomar banho; os nossos corpos sofrendo a intensa mudança de temperatura tremiam embora ela não fosse muito baixa.

Os banhos, que tomamos, diáriamente são durante o ano sempre frios, porque a falta de gaz, combustivel, que anteriormente era empregado para aquecer a água, força-nos nesta ocasião o tomá-los frios.

Depois de tomarmos banho, ficamos quentes como se tivéssemos saído então da cama, em virtude da reacção. Os nossos cérebros já presentes à realidade, predispõem-nos, belamente para os normais estudos do dia, revivendo também na memória o estudo que tivemos na noite anterior.

Em breve formamos e dirigimo-nos para o refeitório.

Passamos na parada, que estava molhada e cheia de poças de agua. A chuva embora menos intensa caia ainda. O comandante da companhia mandou acelerado. Iamos subindo a encosta. Era tal a escuridão, que só conseguiamos distinguir a fisionomia dos camaradas que nos ficavam mais próximos.

O vento tinha ímpetos de querer tudo derrubar o que impelia as árvores a fazerem diticeis contorsões.

A chuva, assemelhava cortar-nos o rosto, com a violência que o vento lhe imprimia.

Naquela arrebatadora abóbada escura só já quási na linha do horizonte, se descortinava um pequeno espaço azul, onde tristemente fulgurava com as suas inquebrantáveis scintilações um pequeno grupos de estrêlas.

Nada mais triste do que esta paisagem nocturna, que nos recorda com infinda saudade

aquelas olímpicas noites de verão de fulgurosas scintilações essa abóbada ingente, cobre as as nossas cabeças, êsse tecto de aventuras ao mesmo tempo tribunal de todos os males.

Do lado de W. avançam nuvens sinistras ameaçando uma trovoada infrene e um dilúvio descomedido!

Tudo é escuridão!

Durante o trajecto a que já me referi, observo os lados de Campolide, e vejo naquela massa escura algumas lampadas elétricas acesas na Penitenciária, que dão o aspecto duma constelação, pois que céu e terra se confundem.

Olho para o meu lado esquerdo, isto é, para oeste e a minha vista habituada a ver sempre a iluminação elétrica da estrada da Circunvalação, não se divisa agora um único ponto luminoso e confunde-se nas trevas.

Pela mesma rasão, que no Instituto, faltava alí também a electricidade.

As colossais nuvens aguaceiras perpassam continuadamente, depois de terem inundado terras.

Ao findar a nossa refeição já pelas janelas do refeitório, entravam os raios difusos da claridade do dia.

Já eram horas da Ginástica. Fomos para o Ginásio; e eis que se iniciam os nossos trabalhos escolares.

Nos intervalos e recreio o nosso tristonho ânimo, não nos incita aos folguedos. Tudo era tristonho.

E nós nos estudos durante o dia recordâmos chorosamente, aqueles lindos dias de verão, em que os pássaros na encosta, nos cimos das oliveiras, chilreiam nos seus mimosos ninhos. Aqueles corações feitos para folgar abandonaram aquele quadro de tristeza, para compartilhar do nosso pesar, assim como foram companheiros da nossa alegria. Não se ouviam os passarinhos com os seus mimosos trinados, como de costume que no verão acima das nossas cabeças, perturbavam os nossos diálogos.

E a encosta, que tão linda, se nos apresenta naqueles lindos e aromáticos dias de Abril, apresentava se então enlameada, das últimas caudalosas correntes que sôbre as suas vertentes correram ainda há momentos. A encosta como os nossos corações de rapazes, estava deserta, fria e muda.

Jaime Gil Mascarenhas

Aluno do 5.º ano comercial

◇◇◇◇

Os três grandes mestres do homem são: a familia, o trabalho e a experiência.

CANTANDO

I

A VIDA

Dizia a borboleta ao rosicler:
A Vida, escuta, já que o queres saber,
É qual gota de orvalho que reluz
No seio duma flor. Como ela é bela,
E enleva, e encanta, e atrái e irradia,
Mas basta um leve sôpro e num instante
Desfaz-se a graça radiante
Desfaz-se o seu encanto que inebria.

II

A AMBIÇÃO

Nasce a flor. E num momento
Córa, incensa, ri, atrái,
Mas eis surge o vento, e logo
Por terra, desfeita, cái.

Assim se em noss'alma nasce
A doce flor da ambição,
Corta-lhe cerce a viveza
Do Destino a ímpia mão.

III

VILANCETE

A vida é flor que fenece,
Se perfuma, também mata...

A vida é onda a correr
Que se esvai . nunca mais volta...
Como ao pobre rosicler
Nunca torna a folha solta...
Mar que em sirtes se desata
Luz que em sonhos se obscurece
A vida é flor que fenece,
A vida é sonho que mata!

A vida é pomba de neve
Que ao descer sôbre a corrente,
Bate as asas, foge em breve,
Mal a cilada pressente...
Luz, aroma, arroio de prata,
Pomba, sonho que talece,
A vida, é flor que fenece,
Se perfuma, também mata!

IV

ADVERSIDADE

Qual em noite de inverno, em noite escura,
Ruge e estrala furiosa a tempestade,
As árvores derribando e a formosura
E a placidez dos campos alterando,
Assim em nossa alma que, cantando,
Vogava em pleno azul de felicidade,
Ruge atlética a dor e a paz se quebra
Ao sôpro colossal da adversidade!...

Isidoro José de Brito

O sapateiro pobre

(Exercício de Português)

Numa certa terra, vivia um sapateiro que parecia andar sempre contente.

Levava todo o dia cantando e trabalhando, e à noite emquanto a mulher fazia a ceia, êle ia tocando viola e sempre a cantar.

Em frente da sua oficina habitava um ricaço, que movido de compaixão pelo pobre sapateiro, deu-lhe um saco de dinheiro, querendo-o assim fazer feliz.

O sapateiro nêsse dia não cantou mais á espera da noite.

Anoiteceu enfim, e o sapateiro e sua mulher fecharam-se num dos poucos quartos que em sua casa haviam, para contar o dinheiro.

Mas os filhos fizeram tanto barulho, que lhe fizeram errar as contas, e o pai desancou-os.

Estes largaram a chorar, fazendo uma tal gritaria, que nem no tempo da fome se tinha ouvido.

Contado o dinheiro, começaram os dois pensando o que lhe haviam de fazer.

Mas que havemos de fazer? perguntava a mulher.

Enterrá-lo, dizia o marido.

Mas é que depois perdemos-lhe o lugar, e nunca mais o achamos.

Olha! mete-se na arca.

Mas se nos roubam?

O melhor é pô-lo a render.

Ora, isso é ser usurário.

—Olha, fazemos uma casa para morarmos, pintamos a oficina, e está tudo liquidado.

— Diz-lhe a mulher: o melhor é comprarmos fazendas, e como filha de lavrador, vou cultivá-las.

— Nessa é que eu nao vou, gritava o sapateiro.

— Mas o que faz conta é ter terra, tudo mais são cantigas.

Ora foram-se exaltando duma maneira tal, e fazendo tanto barulho. que não conseguiram pregar ôlho, durante muitas noites a fio, e de dia o sapateiro deixava de cantar, pensando no dinheiro.

O ricaço não sabia como explicar tal mudança.

Por fim o sapateiro, disse a sua mulher: o dinheiro tira-nos a alegria, que é o nosso único bem.

O melhor é irmos entregá-lo dono, e voltarmos ao tempo antigo.

A mulher abraçou aquilo com ambas as mãos, e o marido desejoso de restituir a alegria a si a sua mulher e filhos, foi entregar o dinheiro ao ricaço.

No outro dia já cantou e cantou como dantes.

Antes pobreza honrada, de que riqueza mal ganha.

Renato Brito

Aluno do 3.º ano comercial

Os mares e o barbarismo alemão

Enfim o covarde militarismo prussiano sucumbiu! O sagrado poder da justiça, por êle deshumanamente lesado prostrou-o aos seus pés.

O pérfido terror dos mares, desapareceu para sempre, mas deixando infelizmente, pelo seu caminho, milhares das suas vitimas, sepultadas eternamente, por êsses oceanos fóra, o seu horrendo e impiedoso campo de batalha! Os seus traiçoeiros submarinos, jamais infestarão as paragens marítimas.

Os mares estão livres da sua bárbara covardia.

Por fim hoje os nossos corações, ao deixarem a Pátria, êste lar querido, poderão sossegados, pulsar com amor pelos nossos pais e irmãos e enfim recordar os sonhos de amor dos nossos lares, sem nos esmagar o coração o presentimento duma traição funesta dos piratas do mar.

Já não há a fatalidade de ver sossobrar na profundeza dos mares, um navio que milhares de compatriotas levava da mãe pátria, terminando assim a sua funesta viagem, agarrados a custo a alguns fragamentos da mastreação do navio para depois desnorteados nêsse momento de trágica aflição, sucumbirem de fome e frio, ficando eternamente sepultos na profundeza dos abismos oceânicos.

Alegrai-vos corações, que tendes estado pesarosos; se aqueles que vos pertenceram, tiveram a sua última existência, nos mares.

Agora neste momento os nossos dilacerados corações, poder-se-hão despir do seu pesaroso luto, que um sorriso, vos não deixava desenhar nos lábios, para sómente vos orgulhardes de poderdes dizer: que aqueles que vos eram queridos, morreram, sim, mas em defesa da Pátria e do Direito, e que as suas mortes, serão agora justamente vingadas, como bem alto o proclama a justiça!

Portugal que durante a guerra lutou com tantas dificuldades de abastecimentos, pode hoje livremente importar os géneros necessários ao país, sem o perigo dos seus barcos de

transportes, serem torpedeados e se perderem, juntamente com as suas valiosas cargas.

Agora felizmente os nossos bravos marinheiros, não terão jamais que mostrar, a sua perícia, coragem e sangue frio, contra o boche bárbaro e cruel.

Sulcando com os seus barcos, os mares que os nossos antepassados conheceram tão bem, còmo nós conhecemos as formosas estradas das nossas terras, o seu fim é mostrar a todos os povos, que Portugal, berço dos grandes descobridores de mais de metade do orbe, não sucumbiu, nem sucumbirá, e que esta guerra apezar de lhe roubar milhares de vitimas, fê-lo reanimar ainda mais, para os imprevistos lances perigosos, que na sequência da sua imorredoira história possam advir.

Jaime Gil Mascarenhas
Aluno do 5.º ano comercial

CURIOSIDADES ASTRONOMICAS

O Sol

O Sol é o centro do nosso sistema solar Éle é o motor que regula o movimento dos planetas que girando em tôrno dele, dele recebem a luz e o calor de que carecem.

Os planetas, nome cujo significado é astro errante, são corpos sem luz própria,de formas aproximadamente esféricas, girando em tôrno do Sol com velocidades proporcionais ao seu afastamento. São em número de oito, referindo-nos sómente aos principais, podendo dividir-se em dois grupos distinctos.

O primeiro grupo é formado por quatro planetas de pequenas dimensões, pois que mesmo todos juntos não perfazem o tamanho do mais pequeno do segundo grupo. Pela ordem crescente das distâncias a que se encontram do Sol, temos:

Mercúrio, Vénus, Terra, e Marte, que constituem o primeiro grupo.

Júpiter, Saturno, Urano Neptuno, que constituem o segundo grupo.

A distância que medeia entre o último planeta do primeiro grupo, e o primeiro do segundo grupo, é preenchida por uma numerosa coorte de pequenos mundos, em que os maiores não excedem cem quilómetros de diâmetro.

Mas lá diz o velho rifão — o meu criado, criados tem — e os planetas que são coagidos a girar em tôrno do Sol lá teêm também,quem gire em tôrno dêles. São os *satelites*, planetas secundários, que seguem os planetas primários, no seu destino, gravitando em redor do Sol. A Terra tem um satélite; Marte tem dois; Júpiter, sete; Saturno, dez; Urano, quatro, e Neptuno um. Os planetas giram no espaço descrevendo trajectórias, que Kepler definiu como elipses, mais ou menos alongadas, num foco das quais se encontra o Sol. Damos em seguida um quadro com as distâncias em milhões de quilómetros, dos planetas ao Sol:

Mercúrio	57
Vénus	108
Terra	149
Marte	226
Júpiter	775
Saturno	1421
Urano	2858
Neptuno	4478

Como nós vemos há uma grande diferença nas distâncias a que se acham os planetas do Sol, que concomitantemente nos traz em grandes diferenças nos tempos das suas translações. Assim ao passo que Mercúrio, descreve uma translação completa em redor do Sol em 88 dias; Vénus gasta 224; a Terra um ano ou sejam 365 dias; Marte, quási dois anos Saturno, vinte e nove anos; Urano oitenta e quatro e Neptuno cento sessenta e cinco anos.

No nosso sistema temos ainda os cometas, astros que descrevendo órbitas muito alongadas, voltam periódicamente ao foco da elipse, que neste caso é o nosso Sol.

Afora os planetas, satélites e cometas, temos ainda, os bolidos, os uranólitos e as estrêlas cadentes, que a seu tempo descreveremos também.

Mercúrio

Mercúrio que a mitologia nos apresenta, como um mancebo robusto com asas na cabeça e nos calcanhares, deus do comércio, da eloquencia e dos ladrões, mensageiro de Júpiter e dos outros deuses é o primeiro astro que após o Sol vamos descrever.

Como todos os planetas, Mercúrio não tem luz própria. Reflete a do Sol; mas como está relativamente muito perto do astro da luz, aparece-nos com um brilho muito vivo.

Mercúrio gravita a 57 milhões de quilómetros afastado do Sol.

Realiza a sua translação em 87 dias, 23 horas e 15 minutos ou aproximadamente 88 dias terrestres,

Quanto à duração da sua rotação ainda hoje se não sabe nada. Alguns astrónomos, pensam que devido à pequena distância a que êle se encontra do Sol, êste astro lhe tenha

destruido o fenómeno da rotação, e o obrigue, portanto a apresentar-lhe sempre a mesma face. Teriamos assim o dia continuo na face voltada para o Sol e a noite eterna na face oposta.

Mercúrio oferece-nos ainda uma circunstância curiosa; tem fases como as da nossa Lua. Aparece-nos umas vezes com a forma de crescente, outras em semi-circulo e ainda outras sob a forma de um pequeno disco redondo. Estas singulares fases, foram descobertas por Galileu no século XVIII.

A sua órbita é elipsoidal e tão alongada que em certas épocas do seu ano, Mercúrio recebe duas vezes mais calor que noutras.

De todos os planetas êle é o mais pequeno.

O seu diâmetro está para o da Terra, na proporção de pouco mais de um terço e mede 4.750 quilómetros.

Tem uma densidade superior à de todos os outros mundos, ultrapassando em um terço a da Terra. Todavia a gravidade lá, equivale a metade da nossa.

Devido à sua aproximação do Sol, o seu estudo é muito dificil, notando-se-lhe entretanto manchas, que podem muito bem, ser mares. Porêm, nada há de positivo.

Mercúrio está envolvido numa atmosfera muito densa, certamente para temperar o calor recebido do Sol, que chega a ser dez vezes maior que o que nós recebemos em pleno verão.

Vénus

Todos nós conhecemos a estrêla do Pastor a estrêla bela e radiosa que resplandece no firmamento. Desde a mais remota antiguidade que o seu fulgôr diamantino atrai a atenção dos mortais. Para os gregos Vénus, era a deusa da beleza e dos amores. Chamavam-lhe tambem Vésper, Hésper ou estrêla da tarde e Lúcifer ou estrêla da manhã.

Denominavam-na assim, supondo ver nela dois astros distintos, pois que nós a vemos, ora de tarde, ora de manhã.

De manhã antecedendo os primeiros alvores do Sol, à tarde nas três horas após o seu ocaso.

Todavia Vénus, que nós até agora temos estado a descrever como estrêla, não é senão um planeta como a Terra, e por conseguinte sem luz própria. Situado entre nós e Mercúrio, o planeta Vénus, faz a sua translação em 224 dias, 16 horas, 49 minutos e 8 segundos, bem entendido que estas quantidades se referem ao dia terrestre e girando à respeitável cifra de cento e vinte e oito milhões de quilómetros.

Como Mercúrio, o seu aspecto para nós, varia conforme a sua posição relativa ao Sol e à Terra, apresentando por isso fases. Graças a essas posições relativas dos três astros, Sol, Vénus e Terra, conseguiram os astrónomos medir os cento e quarenta e nove milhões de quilómetros que nos distanceiam do astro pai. Esta operação chama-se a *paralaxe do Sol*. Quanto ao movimento de rotação, nada está ainda determinado, devido às dificuldades que existem para o estudo do planeta.

Todavia alguns astrónomos, pensam, que ou por causa da influência exercida pelo Sol sôbre os mares, ou sobre o globo primitivamente arborizado do planeta, fôsse o necessario para o obrigar pe pétuamente a apresentar a mesma face para o Sól, como sucede entre nós e a Lua. No entanto há quem discorde.

Possue, Vénus, uma atmosfera muito densa e elevada, o que aumenta ainda mais as dificuldades do exame da sua periferia.

Dêste planeta sabe-se mais, que o seu diâmetro, o seu volume, a sua massa, superficie e ainda a gravidade são sensivelmente iguais às do nosso esferoide.

Assim Venus, pode considerar-se como irmã da Terra.

Pela ordem do afastamento dos planetas do Sol, deveriamos agora tratar da Terra, mas passemos avante e arribemos a Marte.

Marte

Assim como a alvurã deslumbrante de Vénus fez dela a deusa da beleza, assim o rubro ensanguentado de Marte fez dele o Deus da guerra. De todos os planetas do sistema solar é Marte que nós conhecemos melhor.

Vogando a 226 milhões de quilómetros do Sol e descrevendo uma órbita eliptica, muito alongada, Marte está relativamente muito perto da Terra.

Assim em certas épocas, que se repetem com intervalos de 26 meses, a distancia que nos separa é de 60 milhões de quilómetros. Foram estas as épocas escolhidas para fazer as observações do nosso visinho, que todavia ainda chega a estar mais próximo de nós, a 56 milhões de quilómetros, mas só de quinze em quinze anos.

O seu movimento de traslação efectua-se em 686 dias e 23 horas, ou em 1 ano, 10 meses, 17 dias, 23 horas, 30 minutos e 41 segundos. A velocidade de translação é de 23 quilómetros por segundo, ou quási 83 mil quilómetros por hora.

Em dimensões Marte é inferior à Terra. Equivale pouco mais ou menos a um meio. Mede 6728 quilómetros de diâmetro e de

circunferência 21.185. A sua superficie é apenas de um quinto da do nosso globo e o seu volume de quinze centéssimos. Estes caracteristicos, fazem de Marte, como que uma reducção da Terra, que ainda mais se acentua, fazendo a observação completa dêsse astro, estudando os seus aspectos, a sua metereologia e a sua geografia.

(Continua)

Manuel Lucas de Sousa
Alnno do 7.º ano comercial

A felicidade de uma vida depende, em grande parte. da nossa aptidão em escolher os amigos.

UM HERÓI

(Conto)

Estávamos em 1870, A declaração da guerra entre a França e a Alemanha fora feita.

João de 17 anos saira do liceu e após as primeiras investidas do inimigo, seu pai que como bom cidadão partira para a frente, foi morto.

O nosso herói com as lágrimas nos olhos e cheio de mágua, tentou alistar-se. Debalde o fez e depois de ser rejeitado em todas as juntas que o achavam fraco e criança, tanto teimou que conseguiu ser admitido como tambor num regimento.

A ordem da partida soou e João a custo desprendendo-se dos braços de sua mãe, que lacrimosa o não queria deixar partir, lá foi.

Um dia, depois de um encarniçado combate, foi feito prisioneiro dos alemães.

—Toca a retirar, lhe mandaram êles.

Mas João num brado patriótico do seu forte coração em vez de tocando a retirar fazer com que as forças francesas retirassem tocou a avançar.

Os franceses ao ouvirem o toque que os incitava à luta num arranque simultâneo carregaram e conseguiram rechaçar os alemães, libertando o nosso herói.

Um pôsto de alferes premiou tão heroico acto.

A luta continuou e numa das ocasiões em que João pode vir a casa, em vez de encontrar os braços carinhosos de sua mãe, encontrou a simples eloquência de uma campa.

Com o coração cheio de mágua voltou novamente para o regimento.

Numa bela manhã de Agosto, achava-se o seu regimento emboscado na orla dum bosque, esperando o ataque alemão.

Este não não se fez esperar e o tiroteio logo começou. Depois de um largo combate, a ordem de carregar foi dada e João, a espada na mão direita e a bandeira na esquerda arremessou-se ao ataque. Apesar de todos os esforços a infantaria francesa foi cercada pela massa alemã.

O massacre começou e João num gesto patriótico e alucinado, arrancou a bandeira da lança escondeu-a entre o casaco e o peito ao mesmo tempo que ferido pelas baionetas inimigas caiu moribundo.

Novos reforços interveêm na lucta novos receios e João vendo a situação critica dos franceses, apelando para as suas fracas forças ergueu-se sôbre os joelhos e desenrolando a bandeira, gritou num último esforço.

Viva a França.

Para a frente!

E exalou o último suspiro, ao som dos clarins, anunciando a victória.

Avelino Nunes Branco
Aluno do 2.º ano oficinal

Necrologia

Verdadeiramente contristados noticiamos a morte prématura do nosso camarada Alfredo de Carvalho aluno n.º 263, na enfermaria da 1.ª secção, quando ali internado em tratamento.

«O Profissional» enlutado pelo lamentável acidente, em nome de todos os alunos envia à familia do desditoso os seus sentidos pêsames.

ECOS

Encontra-se doente, o Dig.mo Regente da 2.ª secção 1.º tenente Sr. António Ferreira de Sousa.

O Profissional fazendo-se eco dos votos de restabelecimento desejados por todos os alunos ao seu Dig.mo Regente, deseja-lhe uma rápida convalescença acentuando com agrado, que já se acha completamente livre de perigo.

Ao nosso antigo camarada Leitão, que por um lamentável descuido nos esquecemos de citar no número passado, endereçamos as mais sinceras congratulações pela sua entrada como sargento no nosso exército.

N.º 23 Abril 1919



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMÁRIO

O Câmbio.....	*Mário Gouveia Pinto*
O Gigante Adamastor.....	*Adelino Pandaio*
Curiosidades astronómicas.	*Manuel Lucas de Sousa*
Soneto	*Izidoro José de Brito*
De Elvas ao Parque da Piedade.....	*Nascimento Cabrita*
Ao mar (soneto).....	*Isidoro José de Brito*
A Antiguidade do Homem.	*Jaime Gil Mascarenhas*

Preço 4 centavos

1919
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro: Mário Cândido Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Américo Alves e Jaime Gil Mascarenhas
Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director: Manuel J. Lucas de Sousa

N.º 23 — 4.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Abril de 1919

O CÂMBIO *

Todos dizem: a libra sobe, o marco desce. Porquê? nem todos estão habilitados a responder e, no entanto, bem simples é.

Quais são as consequências?

Façamos primeiro um pequeno raciocinio preliminar:

O marco-papel, a lira-papel. a libra-papel, o franco-papel, etc., são mercadorias, como o açucar, o café, o feijão, etc., e como elas são compradas ou vendidas, na Bolsa.

Do mesmo modo e da mesma maneira que se compra e vende ovos, carne, etc., também se compra e vende papel-moeda.

Será um contrasenso comprar marco-papel para o pagar em marcos, lira-papel e pagar em liras, etc. Em geral compra-se libras-papel, francos-papel, etc., para os pagar por exemplo em centavos, em florins, etc., pagando-se mais ou menos caro o franco, o marco, a lira, segundo o câmbio está mais ou menos elevado.

E a estas contracorrentes chama-se, mais vulgarmente *câmbio*.

Do mesmo modo que o preço dos ovos é dado por tabelas, assim como o preço dos demais generos, o papel moeda tem a sua cotação afixada também em tabelas.

Com respeito ao ouro pode-se facilmente compreender que uma peça de ouro italiana, francesa ou inglesa, embora tenham efiges diferentes, podem ser transformadas umas nas outras, sem que para isso seja necessário mais que fundi-las. Por aqui se vê que o ouro não pertence nem à Inglaterra, nem à França nem à Alemanha. E' um metal próprimente universal.

Portanto o ouro é uma espécie de moeda tipo, pela qual se avaliam todas as outras moedas. Quando se diz por exêmplo, que uma lira em ouro vale um franco em ouro, conclue-se muito fácilmente que uma lira tem tanto ouro como um franco. Se dissermos que 1 marco valia 1,23 francos, quer dizer que 1 marco tinha tanto ouro como 1,23 francos, isto é, a sua quantidade de ouro podia ser paga com 1 fr. e 23. É a êstes valores que se chama o par.

No entanto poucas vezes assim sucede, pois, que variando o valor das moedas com o estado financeiro e económico dum pais, muito raramente se dá a concordância dessas condições entre dois paises. Logo uma lira em logar de ter o valor de 1 fr. terá o valor de 0,99 centimos ou de 1.01 conforme está abaixo ou acima do par.

Dito isto, o que é o câmbio?

Câmbio é o conjunto de operações relativas à compra ou venda de moedas, papel-moeda ou valores representativos.

Estas operaçõs fazem-se com preços correntes variáveis, e, são a êstes que se chamam *cambiais*.

Preço corrente de uma moeda numa certa praça, é o preço pelo qual se pode comprar um certo número de unidades monetárias dêsse pais na praça nomeada.

Simplificando: dizemos que o câmbio de Lisboa sobre Londres está a 33; quer dizer que com 1$00 se podem comprar 33 dinheiros.

Mas objectareis vós: como poderá o franco circular em Lisboa, em Inglaterra? Como pode êle circular no Japão? Qual o interresse que se pode ter procurando comprar ouro estrangeiro? A estas perguntas apenas se pode responder por meio de um exemplo. Suponhamos que um comerciante de Londres forneceu a um comerciante de Lisboa panos até à quantia de 300 libras. O comerciante de Lisboa poderia pagar enviando ao seu credor de Londres 300 £. e ficava assim saldada a sua conta.

Essas 300 £ serão pagas pelo equivalente em ouro, visto ser êle a moeda internacional.

Mas agora observo eu: se assim fosse não haveria em todo o mundo ouro, para fazer face a esta espécie de pagamento. Logo êste modo de pagar deve ser posto de parte. Geralmente, entre outros, os mais usuais são:

* Êste artigo é na quási totalidade uma traducção da conferência realisada pelo sr. Longchamp na Universidade de Paris, tendo no entanto algumas considerações pessoais.

Saque do vendedor
Remessa do comprador

1.º — SAQUE DO VENDEDOR — O comerciante de Londres, que enviou ao comerciante de Lisboa mercadorias na importância de 300 libras, faz um escrito cujos termos são próprìamente comerciais, isto é, uma *letra de câmbio.*

No dia da apresentação da presente o sr. F... pagará 300 libras que me deve.

a) F...,.....

(Londres)

É a isto o que se chama fazer um saque.

Suponhamos que para facilitar, que a libra e o escudo estão ao par, isto é, que a libra vale pouco mais ou menos 4$50. Logo depois do saque, o comerciante de Londres procura vender o papel que representa dinheiro, e portanto, fàcilmente encontrará comprador. Se a honradez do sacador está fora de dúvida, bem como as condições de solvabilidade do devedor, conclue-se perfeitamente que êste papel tenha um valor mercantil. Assim como já supozemos o câmbio entre Lisboa e Londres ao par; o sacador venderá a letra por 300 libras. O novo possuidor poderá vendê-la por sua vez ou dá-la em pagamento duma sua dívida e o último possuidor apresentando-a ao comerciante de Lisboa receberá a soma de 300 libras em ouro, terminando esta cadeia de operações a que deu origem uma só transação comercial.

Na prática o sacador não vai procurar um comprador. Entrega o título a um indivíduo «banqueiro» que mediante uma pequena remuneração disso se encarrega, e cuja profissão é, quási exclusivamente, a compra e venda de títulos de crédito, e que servirá como uma espécie de intermediário entre o sacador e o comprador do seu precioso escrito.

2.º — REMESSA DO COMPRADOR — Além da forma de pagamento a que já me referi, há uma outra que é também muito fácil.

O comerciante de Lisboa vai procurar o seu banqueiro e dizendo-lhe que deve 300 libras a F... de Londres, pede-lhe para êle lhe vender um título de crédito sôbre uma praça qualquer, e será êsse qne êle enviará ao seu credor, em lugar de dinheiro.

O banqueiro pode satisfazer imediatamente o pedido, entregando-lhe 300 libras em papeis, seja qual for a sua natureza, sendo mais frequente o cheque.

O banqueiro português que tem uma conta aberta numa casa bancária qualquer de Londres, faz um cheque sôbre essa casa, cheques que entregará ao seu cliente, mediante pagamento das 300 libras.

Estando o câmbio ao par, o comerciante de Lisboa não tem mais que pagar 1.350$00 e enviar o cheque por carta ao comerciante de Londres, que irá apresentá-lo a pagamento, recebendo as 300 libras.

Por esta forma o comerciante de Lisboa faz o seu pagamento em ouro, visto ter mandado um cheque em libras, sem ter que esperar o saque do seu credor.

(Continua)

Mário Gouveia Pinto
Aluno do 7.º ano comercial

O GIGANTE ADAMASTOR

Lusíadas, canto V
Estâncias XXXVII — LX

Depois da audaciosa aventura de Fernão Veloso, as naus pacientes ergueram docemente as açoitadas velas e começaram de novo a sua triunfante e afadigada rota.

Ao cabo de cinco dias de aprazível viagem sempre fagueiramente acariciadas pelos raios do sol e acarinhados pela mansidão amena do oceano, avistaram como por encanto, uma densa nuvem, carregada, medonha e sinistra!

O pavor invadiu o coração ouzado da marinhagem, e emquanto Vasco da Gama suplicava do poder divino a benevolência e a piedade, uma figura horrenda, disforme e gigantesca se descobriu da carregada nuvem e com um tom de voz soturno e colérico, começou perguntando quem era aquela gente que se abalançava a visitar tão remotas paragens, por nenhum mortais jámais transpostas.

E continuando a sua dolorosa fala começou ameaçando os audazes nautas com futuros naufrágios, perigos e traições de tal modo horríveis que bem suave a morte parecia a seu lado.

O fero gigante tentava proseguir lentamente as suas ameaças quando Vasco da Gama com uma voz grave e forte lhe perguntou quem era e o que pretendia.

Ao ver-se tão amargamente interrogado prontamente bradou colérico, dizendo ser o grande cabo das Tormentas por nenhum dos antigos geógrafos notado, filho acerbo da terra e chamado Adamastor.

Sofria ali tão grandes martírios porque amava a formosa Tétis e não tendo o seu

amor guarida no seio da esbelta deusa resolvera declarar guerra ao Oceano, para ver se a mal alcançava o que a bem não conseguira.

Tétis conhecedora do seu intento e para livrar o Oceano duma luta cruel e sangrenta curvara-se perante a sua vontade e marcara-lhe uma discreta entrevista.

No dia combinado aparecera-lhe a altiva deusa em formas ideais tal como era a sua casta e natural imagem e êle ao fitá-la como louco, correu pressuroso a abraçá-la, osculando-a ardentemente!

Mas a figura em breve se evaporou, e em vez de beijar o rosto angélico da deusa beijava com avidez um cerrado penedo fragoso e informe.

Então para castigo da sua rebeldia, os deuseus transformaram-no num mudo e descalvado monte impiedosamente batido pelas ondas, que eternamente lhe recordavam a visão ideal e quimérica da bela Tétis.

Adelino Pandaio
Aluno do 6.º ano industrial

CURIOSIDADES ASTRONOMICAS

Marte

Pesa nove vezes e meia menos do que nós. Assim: se 1.000 representasse a Terra, proporcionalmente 105, representaria Marte. Um homem que pesasse 70 kilogramas na Terra, em Marte passaria 26 devido à densidade que no mundo martiano é muito mais fraca, de que entre nós.

Quanto ao movimento de rotação foi determinado como o do Sol. Foi o estudo das manchas martianas quem no-lo revelou. Efectua-se em 24 horas, 37 minutos a 23 segundos e 65 centésimos.

Os dias martianos são, pois, um pouco maiores que os terrestres.

Com êste dado já podemos calcular o número de dias do ano de Marte.

Compõe se, êste de 668 dias, notando contudo que não são dias terrestres.

Como nós sabemos, as estações do ano são devidas ao ângulo que o eixo da rotação da Terra forma com o plano da sua órbita e como êste ângulo é sensivelmente igual ao de Marte deduz-se daqui que as suas estações são idênticas às nossas em intensidade, mas duplas em duração porque o seu ano é quási duplo do nosso. A sua periferia encontra-se igualmente dividida como a nossa em zona tórrida, temperada e frigida.

O auxiliar para o estudo das estações, é a neve dos polos martianos que aumentam regularmente no inverno e fundem no verão. A atmosfera conserva-se quási constantemente pura, o que ajuda imenso as observações dos astrónomos.

Hoje existem já cartas que indicam a sua configuração, que se denominam castas aerográficas (do grego Arés, Marte).

Com o estudo dessas cartas, verifica-se que a geografia martiana é muito diferente da geografia terrestre.

Em primeiro lugar Marte, tem um quási justo equilibrio entre a parte sólida e a liquida, havendo porêm uma pequena preponderância da primeira sôbre a segunda. Exactamente o contrário da Terra em que só as águas ocupam três quartas partes do todo terrestre.

Em segundo lugar as grandes massas de água não existem; Marte limita-se a pequenos Mediterrâneos, se é que as manchas, em que os astrónomos julgam ver mares, na realidade o são.

Como a Terra, possue tambêm atmosfera.

A atmosfera é um elemento primordial para a vida de um planeta. Retendo os raios solares, ela actua como um regularisador, mantendo nas superficies planetárias, uma temperatura favorável ao desenvolvimento dos seres.

A circulação da água em Marte faz-se horizontalmente. A agua proveniente da fusão das neves polares, insinua-se pelos canais e maces, voltando novamente aos polos sobre a forma de vapores invisiveis.

Assim em Marte, não há chuvas, o céu mantem-se constantemente puro e diáfano, não há tempestades, ciclones, furacões, pois não há ventos fortes, mas sim simples brisas, devido à fraca gravidade e à rarefacção da atmosfera. E' um mundo ideal, com alguma cousa de imaterial e etéreo.

Em 1877, um astrónomo italiano, descobriu na periferia de Marte, umas linhas rectas que sulcando a superficie, pareciam reunir entre si os mares, dando-lhe o nome de *canais*. Alguns medem 600 quilómetros de comprimento por 100 de largura

Entretanto, não ha nenhuma certeza, que as manchas sejam mares, nem que as linhas rectas, sejam canais.

Possue Marte dois satélites, *Phobos* e *Deimos*. Phobos a seis mil quilómetros de distância realiza o seu movimento de translação em 7 horas e 39 minutos. Deimos a vinte mil quilómetros realiza-o em 30 horas e 18 minutos.

Marte é mais antigo que a Terra, conseguintemente se acaso é habitado, o que tudo nos leva a crer, os seus habitantes devem gozar uma civilisação mais avançada que a nossa.

Tudo se coordena para que mais ano, menos ano, quiçá séculos, os martianos e os terrestres possam comunicar entre si.

Júpiter

No espaço compreendido entre Marte e Júpiter, temos que considerar os *asteróides*.

São êstes pequenos fragmentos de matéria cósmica, dos quais, os maiores não excedem cem quilómetros de diâmetro.

Julga-se que pertenceram a um vasto anel formado na época em que o sistema solar se encontrava ainda no estado nebuloso e que em vez de se condensar formando um globo, se dividiu num número considerável de pequenas particulas. O primeiro asteróide descoberto, foi *Céres*, em 1801.

Desde então para cá, não tem passado ano algum que novos pequenos mundos se não venham juntar aos já descobertos.

Ocupam uma zona assaz vasta de quatrocentos milhões de quilómetros.

Tais são os pequenos elos que ligam os planetas do primeiro grupo, aos colossais gigantes do segundo grupo.

Eis-nos pois em Júpiter, o maior planeta do nosso sistema.

A Terra, Marte, Vénus e Mercúrio lado a lado e no mesmo prolongamento, não equivalem a mais dum quarto de diâmetro de Júpiter.

Seriam necessárias 11 Terras para prefazer o seu diâmetro de 140.920 quilómetros. Em volume seriam precisas 1279. Em superficie 126 Terras! Mede de circunferência 442.500 quilómetros. Pesa dez mil e trezentas vezes mais que o nosso esferóide. A sua densidade é um quarto da nossa, mas a gravidade é duas vezes e meia mais forte.

Júpiter gravita a 775 milhões de quilómetros do Sol e a sua órbita é cinco vezes mais vasta que a nossa.

Apesar da sua enorme massa, Júpiter realiza a sua rotação em menos de dez horas.

Faz a sua translação em 11 anos, 315 dias e 12 horas,

Assim como o ano de Júpiter é quási igual a doze anos terrestres êle conta a exorbitância de 10.455 dias, por ano!

Dêste modo um velho de 84 anos seria lá um jovem de 7!

Vantagens dos anos longos!

Visto ao telescópio, apresenta-se-nos todo cercado de nuvens. A razão deste aspecto é devido ao atrazado estado em que ainda se encontra o mundo do Grão-Tonante.

Com efeito, Júpiter, que talvez devido à sua grande massa ainda conserva grande qnantidade do seu calor original; é o foco de um sem número de graves perturbações, que continuamente alteram a sua estructura.

Como o Sol, êle não rola num todo único, mas com uma velocidade que sendo máxima no equador, vai decrescendo para os polos; como a Terra é um esferóide, isto é, tem um achatamento nos polos, que sem dúvida se deve ao seu rápido movimento de rotação.

Não já como na Terra, o seu eixo de rotação é perpendicular ao plano da órbita, logo a egualdade das estações e dos climas.

A sua superficie aparece-nos cheia de manchas mais ou menos vastas e diversamente coloridas que julgam-se ser continentes em formação. Apresentam-se móveis, sem estabilidade dando a idea de ilhas flutuantes. Há uma que tem a forma oval, medindo 42:000 quilómetros de comprimento por 15:000 de largura.

Isto é, quási quatro vezes maior que a Terra, cujo diâmetro no Equador é de 12:742 quilómetros.

Júpiter está para a mancha, como a nossa Terra está para a Austrália, ou talvez o contrário: a mancha está para Júpiter, como a Austrália está para a Terra.

Marcha na imensidão celeste acompanhada de 7 satélites, dos quais apresento o nome dos quatro mais importanres.

Nomes	Distâncias à superficie de Júpiter	Tempos das traslações	
Io	430.000	1 dia	18 horas
Europa.....	682.000	3 »	13 »
Ganimedes ..	1.088.000	7 »	4 »
Calisto	1.914.000	16 »	16 »

São visiveis fácilmente com um pequeno óculo e o maior é Ganimedes.

Os quatro principais, fôram descobertos por Galileu, na Italia e Marius na Alemanha, quando nas noites de 7 e 8 de Janeiro de 1610, apontaram para Júpiter as suas lunetas.

Saturno

A 1421 milhões de quilómetros do Sol e a 1272 milhões de nós, gravita Saturno, o último planeta do sistema solar, aos olhos dos antigos. Filho de Urano e de Vesta segundo os mitos, Saturno é o deus do Tempo e do Destino.

Efectua a sua translação em 29 anos e 167 dias, ou quási 30 anos terrestres e a sua rotação em 10 horas e 15 minutos.

Conseqüentemente o seu ano compõe-se de 52.217 dias, mas dias saturninos, isto é, de cinco horas de dia e outras cinco de noite. De forma esferoidal, Saturno, tem um achatamento polar, ainda mais acentuado que Júpiter. Ao passo que o seu diâmetro equatorial mede 112.500 quilómetros, nos polos tem 111.000 quilómetros.

E' setecentas e dezanove vezes mais volumoso que a Terra, mas a sua densidade é cento e vinte e oito milésimos da nossa, de modo que Saturno é sómente noventa e duas vezes mais pesado que a Terra.

Daqui concluiremos imediatamente que os materiais componentes do todo saturino são muito leves. Em superficie é oitenta e cinco vezes, mais vasto que nós.

A inclinação do eixo de rotação é idêntica à nossa, de modo que as estações saturninas são análogas às nossas, sómente diferindo na duração, que é de sete anos.

E' envolvido por uma atmosfera muito espessa.

Tratemos agora do celebrado anel de Saturno. A vinte mil quilómetros acima do equador, reconhece-se a existência de um largo anel, chato e vasto, que se conserva suspenso no espaço em redor do astro.

Mede 284.000 quilómetros de largura e aproximadamente 100 de espessura. Divide-se em três zonas distintas: a exterior menos luminosa que a do meio, que é sempre mais brilhante que o próprio planeta; e a interior que é muito escura estendendo-se como um veu diáfano atravéz do qual se observa Saturno.

A observação mostrou-nos que o anel é formado de uma infinidade de fragmentos de matéria cósmica, que gravitam em redor do planeta a distâncias e com velocidades variáveis.

Os fragmentos mais próximos da periferia do planeta realizam a sua traslação em quási 6 horas e os mais afastados em 12.

É ponto assente que êles mantêem-se em redor da astro à custa da força centrífuga.

Alêm do intessante anel possue Satuno ainda o número considerável de 10 satélites, dos quais aponto o nome de 8 bem como as suas translações e distâncias ao astro primario.

Nomes	Distância a Saturno	Tempos de traslação
Mimas	207.000 kil.	22 h. 37 m.
Engelade ..	257.600 »	1 dia 8 » 53 »
Tétis.....	328.800 »	1 » 21 » 18 »
Dionis	421.200 kil.	2 dia 27 h. 41 m.
Rea.....	588.400 »	4 » 12 » 25 »
Titan	1:364.000 »	15 » 22 » 41 »
Hipérion ..	1:650.000 »	21 » 6 » 39 »
Japete.....	3:964.000 »	79 » 7 » 54 »

É o mundo mais extraordinário e curioso do sistema solar, com o seu anel, o seu achatamento e as sua dez luas!

Passemos agora a Urano.

(Continua)

Manuel Lucas de Sousa
Aluno do 7.º ano comercial

Soneto

Oh! virgens feiticeiras que ao luar
Em redor das fogueiras crepitantes,
Caprichosas vestais, vindes cantar
Canções rubras de amor, embriagantes,

Que magias, que filtros estonteantes,
Há nas vossas cantigas, que a scimar
Nos detemos, aos ecos retumbantes
Duma saudade intensa a soluçar?!...

Eu sei!... Eu sei!... É que no vosso peito
Guardais a chama dum amor perfeito,
E puro e lindo como as vossas crenças

E é êle que por essas noites densas
Vos faz assim cantar, assim baijar,
Oh! virgens feiticeiras, ao luar!

Izidoro José de Brito

De Elvas ao Parque da Piedade

Sai de Elvas pelas Portas de Olivença, encontrando logo êste humanitário emblema: *Ao Povo. Respeitai as árvores.*

O que não representam estas cinco palavras? Tudo o que de mais nobre e altruista se pode conceber. pois são elas que nos auxiliam em todos os transes da vida, como vós certamente bem sabeis, e que é preciso fazer-se compreender por todos os meios ao povo, para que êste saiba gratamente dispensar todos os carinhos, às impagáveis plantas.

São delas que tiramos os meios para nutrição, todos os madeiramento para as construções, desde o palácio mais pomposo até à humilde choupana, que fazemos quási todos os instrumentos agrícolas e grande parte dos medicamentos, das tintas e dos tecidos. Elas

nos prestam generosas as belas sombras em que nós gostamos de repoisar depois de algumas horas de longa caminhada. Como é consolador apreciar um cuidado jardim ou as virentes campinas que a primavera decora!

E se isso tudo a elas devemos, porque lhe não havemos de dispensar amor e carinho?

Infelizmente o povo ainda o não compreende assim...

E é êsse o motivo principal da Festa Nacional da Arvore, que se pratica em toda a parte, para incutir no espirito da criança e da povo em geral o respeito que todos nós lhes devemos evitando assim a ignorância dos revelantíssimos benefícios que nos prestam.

Segui o meu caminho pela estrada que contorna os fossos.

Ao andar cerca de 200 metros encontrava-me na conhecida Estrada do Buxo, por ser toda ela ladeada por um espesso muro feito com êsse arbusto.

Mais adiante começo a divisar um jardim que fica no fosso, o qual se chama Jardim da Praça.

É êle únicamente tratado por militares, que com esmero e dedicação o trazem sempre limpo e bem cuidado.

Cheguei assim a um largo devidamente arborizado, que fica sobranceiro ao citado Jardim, contendo bancos junto às árvores mais frondosas.

Corto agora à esquerda e vou por uma comprida e inclinada rua, que vai ter ao encantador Jardim Municipal, onde já mais vastamente se vê o bom gôsto pela arte, pois os seus numerosíssimos canteiros se encontram lindamente embelezados e as suas ruas e avenidas sempre limpas e bem dispostas.

No centro há um vasto largo, assentando garbosamente entre verdura, um elegante coreto o qual quási se não distingue, pois que grande número de trepadeiras por todos os lados o cercam,

Num dos seus lagos os airosos cisnes retalhando as águas, veem ter com quem dêles se aproximam, enquanto o repuxo atira água a grande altura.

No outro existe uma pequena ilha, na qual uma densa vegetação lhe dá um bonito aspecto.

Em frente encontra-se a Praça de Touros e entre esta e o jardim o grande Largo do Calvário, em que se costumam fazer grandes feiras.

Vou agora na Estrada da Piedade, que nos deve conduzir ao parque do mesmo nome.

A estrada é um pouco comprida, mas o seu percurso faz-se suavemente, porque as árvores que as guarnecem em todo o seu comprimenta, entrelaçam-se de tal maneira, marchanda nós como debaixo dum tunel de verdura.

De quando em quando os bancos parecem convidar-me a sentar para assim descançar debaixo daquelas copadas árvores, que tão bela sombra espalham.

Ali está o aqueduto da Amoreira a estender-se por alguns quilómetros, obra começada em 1500, e concluida passados mais de 100 anos.

Foi feito exclusivamente pelo povo elvense, cobrando-se para fazer face a tão avultada despeza, o chamado real de água, que incidia sôbre o prêço de alguns géneros.

Só no ano de 1622 é que pela primeira vez, por êle entrou, água na cidade, celebrando-se com pomposa festa, visto ser um importante melhoramento.

Por cima dos arcos, lá está a lendária figura do arrojado cavaleiro, que no dia da procissão do Corpo de Deus, foi a Badajaz, arrebatar-lhe o estandarte, sendo a sua insigne figura tomada para brazão de Elvas.

Já me encontro perto da Avenida, num sitio, onde fica um campo adoptado anualmente para a realização duma grande exposição de gados.

Entrei finalmente nele, vendo elegantes postes que sustentam grandes globos eléctricos.

Do lado esquerdo continua ainda a estrâda com as suas belas quintas e à direita vêem-se alguns chalés.

Por toda a parte se vêem brotar do chão plantas de variegadas cores dando àquele lugar um aspecto único e respirando-se uma enebriante atmosfera que as perfumadas flores exalam.

Um grande lago se encontra entre flores, onde também os alvos cisnes nadam, nas tremulinas águas.

Para a direita estende-se reclinadamente uma mata, que vem embelezar mais êste quadro, que almas nobres poderam assim arquitetar.

No lado oposto assenta como no Jardim Municipal, outro elegante coreto no meio de radiante verdura e nela fica quási imerso.

Subi a escadaria que fica à esquerda da bela Avenida e encontro-me no Largo da Fé, onde se ergue a linda Igreja da Piedade, toda ela ricamente decorada.

Percorro morosamente as salas dos ex-votos porque os milhares que lá existem a todo o passo me detêem.

Detraz dela sussurram constantemente as cristalinas águas despenhadas duma cascata e de duas bicas dum grade e valioso chafariz que perto está.

Dei assim a volta em redor da Igreja e novamente estou no largo da Fé, que se encontra cercado por uma artística grade; as árvores como sempre embelezam-no primorosamente, destacando-se no centro em finissimo marmore a Fonte da Fé por nela existir uma ebúrnea estátua que a simboliza.

E no fim ao voltar à heróica cidade, sentia-me radiante de alegria por ver êstes encantadores lugares, que atraem grande quantidade de pessoas, principalmente em Setembro por ocasião das afamadas romarias de S. Mateus e que acodem aos milhares vindas não só de quási todo o nosso Portugal, mas tambêm da vizinha Espanha.

Nascimento Cabrita
5.º ano comercial

Ao mar

Soberbo mar, gigante bom, génio da Sorte
Onde se espelha a viva luz dos ceus,
Tumba fatal, voragem forte,
Sôbre o teu seio dir-se há poisar a mão dum deus!

Em teu abismo rugidor da morte
Cantam sereias — divinais Orfeus —
Voga das ninfas a gentil coorte
Envolto o corpo em cristalinos veus...

Soberbo mar!
Eterno sonhador, de esmeralda e luar,
Cantando às tradições, fantástica magia,

Se acaso qualquer dia
A Opressão quiser reinar no mundo,
Hás-de fazer ouvir o teu rugir prefundo!

A ANTIGUIDADE DO HOMEM

DUAS PALAVRAS

Ao iniciar, o insignificante trabalho sôbre o Homem Primitivo, cumpre-me observar, que êle é o producto dum insuficiente estudo, que pude empreender da bela obra *O Homem Primitivo* do ilustre Louis Figuier, onde fui colher êstes conhecimentos, afim de completar as noções preliminares, que nas aulas de geografia nos foram ministradas.

Nestas circunstâncias, desde já peço perdão aos amáveis leitores que me derem o prazer de o ler, das irregularidades que possam existir, neste deficiente resumo, conquanto me tivesse esforçado por ser metódico e intelegível.

Edade da pedra lascada — Época da Rena e do Mammuth

Segundo as afirmações mais baseadas, o homem apareceu primitivamente na Ásia Central donde se ramificou. Este encontrando a diversidade de climas, formou várias raças, que se adaptaram segundo a sua disposição fisica, a várias partes do orbe terrestre, sendo as principaes: a raça branca, amarela ou mongólica, a negra e a vermelha.

A respeito da origem do homem, vários sábios sustentam as suas idêas; assim: o sábio francês Lamark, pugna que o homem deriva do macaco. Porêm mais tarde a inspecção anatómica do corpo humano, veiu mostrar à evidência, que a teoria do referido sabio, não era verosimil, pois que entre o macaco e o homem, haviam profundas diferenças, as quais se nos apresentavam mais notaveis nos craneos dos referidos animais; dissemelhanças estas que foram provadas por vários sábios.

O desenvolvimento fisico do homem na época quaternária, época em que se notou a sua presença, era muito grande proporcionalmente a corpulência do homem actual, sendo essa diferença devida, naquela época à sua existência selvagem, que o forçava a exercícios violentos, afim de se prover de alimentos.

A inteligência e a fala, contribuem, para que o homem seja o ser vivo mais perfeito que a natureza creou; então, sustentam ainda os referidos sábios, se existisse um macaco que falasse dir-se-ia que o homem seria, um aperfeiçoado. As espécies animais podem transformar-se, mas nessa condição somos forçados, a reconhecê-los como uma criação independente. As espécies foram e são, criadas pela natureza, isso demonstra-o, não podermos nós obter crusamentos de uma outra espécie e êsses raros mestiços que podemos criar casando duas espécies diferentes, assim como o burro e a égua, são indivíduos infecundos, impossibilitados de fornecer novas gerações; ora como não pode haver ligação entre a raça humana e o macaco, advêm que é forçoso concluir, que as ditas espécies são radicalmente diferentes.

O homem foi lançado nesta enorme esfera indefezo e acanhado, por entre a natureza selvagem que o rodeava. O homem dessa remota época excedia em rudeza aos dos nossos dias. Os seus esforços visavam um só fim: a subsistência quotidiana, alimentando-se de raizes, visto que, no seu estado selvagem ainda não conhecia as armas de caça.

Se de qualquer forma matava um quadrúpede comia-o ainda ensangüentado, cobrindo-

se em acto continuo com a sua pele. O leito das suas moradas consistia, em ter por almofada uma pedra e por tecto a sombra das árvores. Este nosso remoto ascendente, vivia nú no cimo das árvores sem conhecer o fogo; porêm mais tarde sentiu as necessidades começando então por cobrir-se com folhas e a alimentar-se de raizes.

Mais tarde tiveram o conhecimento do fogo, porque viram uma árvore incendiar-se por um raio, e desde então, tiveram por êle adoração. Produziram-no por fricção. O homem primitivo como os animais selvagens rastejava pelo solo, disputando entre si, os abrigos e alimentos.

A fauna era pouco variada, sendo os principais animais, o tigre, o leão, a hiena, o urso e o mammuth. Estes últimos viviam aos milhares.

A flora era constituida principalmente; pelo carvalho, macieira, vinha, etc.

As aves que existiam nesta época eram: o mocho, coruja, gaios, cordonizes, etc.

Os primeiros passos que o homem deu na maravilhosa estrada do progresso, foram a descoberta do fogo; com êle desapareceu o enfado das longas noites, constituindo ao mesmo tempo um belo meio de defeza dos animais ferozes. Foi indubitávelmente o primeiro ponto de partida das indústrias.

Em seguida iniciaram o fabrico das armas para matar os animais que haviam de satisfazer as suas necessidades; tornáram-se carnivoros. Logo que tiveram o conhecimento do silex (substância a que nós hoje chamamos pederneira) con truiram machados grosseiramente trabalhados, os quais eram ligados a cabos de madeira por meio de tendões vegetais e animais. Mais tarde apareceram já polidos. De todas estas indústrias se acharam vestigios nos jazigos descobertos.

Os nossos ascendentes tinham por habitações, cavernas cavadas nas rochas, nas quais se introduziam para se livrarem das terriveis intempéries. Foram elas o produto de desmoronamentos interiores, que eram outrora subterrâneos onde corriam caudalosas correntes de água, mas nem todas tiveram a mesma origem. Existiam cavernas que ocupavam muitas léguas, mas o homem nestas não habitava por serem de difficil acesso.

O homem por ter êste modo de habitação chamava se Troglodita. As estalactites e estalagmites, que se formavam nas suas cavernas constituiam para êles um adorno.

Era debaixo das estalagmites que êles sepultavam os mortos conforme escavações modernas.

As cavernas encobrem geralmente grandes montões de ossos. Agora perguntareis qual a razão porque se não encontra nelas um esqueleto inteiro? E' mesmo impossivel reunir os ossos que outr'ora compozeram um individuo. Supõem-se que essas ossadas foram arrastadas pelas correntes diluvianas, o que mais leva a crer pelo facto de se encontrarem junto dêsses despojos, seixos roliços e os ossos terem as faces ligeiramente arredondadas.

Tambêm as cavernas lhe serviram de cemitério. Eles tinham costumes funerários, sendo o principal dêles um banquete que organizavam após a derradeira despedida do morto. Na cidade de Aurignac. que fica situada num pequeno monte, em 1852 um cabouqueiro encontrou os restos de desasete esqueletos humanos. A entrada dessa caverna estava coberta com terra acumulada pela força das águas. Nalgumas cavernas foram encontrados esqueletos de mamiferos bem conservados juntamente com instrumentos de pedreneira especialmente facas. As grutas da época quaternária, eram fechadas com muito cuidado depois de sepultarem os animais. Tambêm nas grutas foi encontrado carvão em pó, donde se deduz que, no momento de sepultarem os cadáveres, se banqueteavam. Nêsse banquete assavam os animais e comiam-nos servindo-se para os dividirem das facas de silex.

Crê-se que a hiena tambem compartilhava destes banquetes, pois que em seguida, ia roer os despojos dos animais queimados.

Durante a época do grande urso e do mammuth, existiram numerosas cavernas especialmente na França, Inglaterra e América que deram azilo ao homem e lhe serviram de sepultura. Nalgumas grutas da Itália encontraram-se vestigios de louça grosseira.

Nêsses paises encontravam-se grutas tão profundas que para o homem lá penetrar, tinha que se pendurar numa corda, pela qual descia.

Em quási todas as cavernas se encontraram instrumentos de silex. Os trogloditas sustentavam-se principalmente da carne do elefante, urso e hiena. Quando êstes caçavam, não os levavam inteiros; despedeçavam-nos levando-lhes só as carnes. Dos galhos da rena faziam pontas de dardos. Os nossos ascendentes viviam num meio dificilimo.

(Continua)

Jaime Gil Mascarenhas

Aluno do 5.º ano comercial

Aos nossos estimáveis assinantes, pedimos desculpa, da irregularidade da saida dêste numero, devido aos muitos afazeres da oficina tipográfica.

N.º 24 Maio e Junho 1919



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMARIO

Ordem especial	*Ten.-cor. João E. Águas*
Palavras proferidas pelo aluno	*Gouveia Pinto*
10 de Junho	*Reginaldo H. Carrilho*
O Câmbio	*Mário Gouveia Pinto*
Fim trágico	*Nascimento Cabrita*
Laboratório	*Manuel Lucas de Sousa*
Curiosidades astronómicas	» » »
Recordando	*Fernando J. Corado*
A Antiguidade do Homem.	*Jaime Gil Mascarenhas*
Crónica desportiva!	*Eduardo M. Centeno*

Preço 6 centavos

1919
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro: Mário Cândido Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Américo Alves e Jaime Gil Mascarenhas
Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director: Manuel J. Lucas de Sousa

N.º 24 — 4.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Maio e Junho de 1919

ORDEM ESPECIAL

É com a mais viva satisfação, que devidamente auctorizados, damos neste número o lugar de honra à Ordem Especial, de Sua Excelência o Director, que nos foi lida ao reassumir a Direcção do Instituto.

Ao assumir a direcção do Instituto, eu saúdo a Pátria e a República, que há bem pouco tempo tiveram a sua consagração no ataque ao reducto do Monsanto e na marcha sôbre o Porto, onde os seus inimigos se entrincheiravam.

A consolidação da República e a fé nos destinos da Pátria afirmaram-se iniludìvelmente no espirito do povo português, que é bem o da raça que há tantos séculos vem marcando um logar de destaque entre os povos mais avançados na conquista dos seus direitos de vitalidade, e na do progresso.

Glória e Honra ao povo português! Glória e Honra à Pátria Portuguêsa!

*

São decorridos 15 meses que deixei, por ordem superior, a direcção interina dêste estabelecimento, não para a entregar ao propriétario do logar, o ilustre coronel João Ortigão Peres, mas a um outro Sr. oficial. Tirou-se-me a consolação de depôr, nas mãos de quem tinha a ela o direito, o encargo de devolver à sua procedência, a directoria do Instituto, ainda conservado com o mesmo espirito educativo e instructivo, ainda prenhe do amor civico, com que o havia recebido 11 meses antes. Não quiz o acaso que assim sucedesse; não quiz o Destino, — tão enigmático como cruel —, que eu o realizasse.

O coronel Peres foi roubado ao convivio dos seus pupilos a quem, depois de sua familia, se devotava de alma e coração, como o fazia nos serviços da nossa Terra, tão cheia de mediocridades e tão necessitada de claras inteligências que a enobreçam e a elevem no conceito do mundo culto. Ele tinha bem definida a sua individualidade, pelo seu caracter, pelo seu saber, pela sua competência, pela sua dedicação à Pátria e à República; em suma, pela sua elevação moral e intelectual.

Perdeu-o o Instituto; mas perdeu-o também a Pátria e a República, que tinha nele um dos seus mais dedicados paladinos.

Na impossibilidade de erguer um hino à sua memória, limito-me a chorá-lo com o Instituto que o adorava.

*

Ao corpo docente deste santuário de ensino, eu dirijo, por êste meio, os meus cumprimentos.

Com esta saudação vai o desejo que tenho em que sob os novos modos e progressos da pedagogia, o ensino aos alunos revista o caracter da mais pura democracia, sem embargo da mais correcta disciplina, que deve existir entre o homem e a creança, entre o professor e o discipulo, entre o educador e o educando.

Creio que outro não tem sido o critério e forma de instruir e educar da parte dos professores; mas não devem ser tomadas à conta de desprimorosas as instâncias novas ou repetidas que a tais propósitos se façam.

O carinho e a afabilidade não são, nem podem produzir motivo de desrespeito e abuso.

Eles incutem a confiança, ao mesmo tempo que a gratidão e a amizade se desenvolvem nos seres que deles são alvo.

A aspereza e a superioridade causam por vezes, senão sempre, a repulsa, o ódio e, por ventura, o mêdo, que atrofia, que desnatura, que embrutece.

Nada, portanto, de superioridades e autoritarismos; como cousa alguma que denote depressão, servilismo ou degradação.

Haja o laço de união entre o professor e o aluno; mas sinta-se também a distância entre a cadeira e a bancada.

Que êsse laço não seja tão fraco que ao mais leve impulso se desmanche. Que essa distância não seja tão grande que não se possa alcançar a cadeira ou a ela recorrer-se, não devendo ser tão curta que ao menor passo se confundam as situações.

Que o ensino revista também a forma de protecção a todos, de tolerância para todos. Que êle tenha por objecto a formação do caracter do aluno, em correspondência com a sua cultura quer moral, quer intelectual e até mesmo física. Que êle tenha por finalidade o robustecimento da individualidade do cidadão nas suas relações futuras com a Sociedade.

Devem-se, por consequência, praticar, sempre que possível fôr e nas matérias do programa que o permitam, as lições práticas e a livre discussão crítica, a que presidirá o mais rigoroso princípio da liberdade e da disciplina, como pontos de coesão das relações dos alunos entre si e do respeito devido por êles aos professores,

A alta competência e ao são critério dos Srs. professores, fica o encargo da efectivação destes princípios,propondo o que a sua experiência e inteligência melhor aconselhem.

*

Aos alunos, cujo cérebro se não encontra ainda completamente desenvolvido e em que há mil projectos e ideas senão utópicas, quási todas de improváveis realidades, eu dirijo, tambem por êste meio, como mais velho amigo, alguns conceitos que a experiência e os anos justificam.

Nada há mais sublime que a gratidão, como nada mais digno e honroso que a virtude.

Ser-se grato é reconhecerem-se as benemerências e atenções de que somos alvo, muito embora a elas tenhamos, por motivos vários, todo o direito,

Mas só pode arrogar-se com direito a elas, aquele que cumprir para com os seus semelhantes o dever de lhes reconhecer tambem o direito de lhes negar, dentro da lei, o que esperava obter.

É a fórmula da retribuição, meio pelo qual se manifesta a gratidão.

E' necessário ser-se grato para com o Estado republicano; pois foi êle que lhes concedeu o meio de se tornarem homens, de serem úteis a si próprios e à Sociedade que os mantêm.

Não devem abusar do carinho e protecção que aqui lhes são concedidos, antes devem procurar nos seus actos, por sua aplicação e por seu caracter, um manifesto intuito de reconhecimento e gratidão para com aqueles que estão empenhados em fazer de vós todos, homens úteis, elementos de valor.

É, portanto, necessário ser-se virtuoso, dotado dos melhores sentimentos, para compreenderem a alta missão dos professores e instructores, e bem assim aquela que a Pátria e a República a todos vós impuseram, ao colocarem-vos sob a sua protecção.

Unam-se todos nêste intuito, meus amigos, e aprendam as boas lições que os professores lhes dão, para que, ao sairem desta casa, a sua recordação nunca se apague e os seus exemplos sejam os orientadores dos vossos actos.

Só assim poderão honrar o Instituto e com êle elevar o nome de Portugal ao apogeu da Glória, honrando a Pátria que muito adoramos e a República que muito estimamos.

Sempre — Pela Pátria!

Sempre — Pela República!

Palavras proferidas pelo aluno Gouveia Pinto no dia 25 de Maio de 1919

Faz hoje 8 anos que foi promulgada uma lei que ordenava a fundação dum estabelecimento de ensino secundário e profissonal, funcionando sob a dependência do Ministério da Guerra, destinado a receber para instruir e educar os filhos varões das praças, sargentos ou oficiais do exército de terra e mar e que deveria chamar-se o *Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.*

Esta obra, genuinamente republicana, encontrou logo de principio uma imensidade de malquerenças da parte de todos os elementos reaccionários.

No entanto, tem-se sabido manter e de tal modo o tem feito que se tem tornado a admiração de quem a conhece do que é uma pro-

va evidente as declarações feitas no livro de visitas, por todos os individuos que o teem visitado.

Não tem porêm progredido tanto como seria para desejar, mercê das campanhas odiosas que lhe teem movido aqueles em que a educação jesuitica, torpe e ignorante, está profundamente arreigada.

O fim do Instituto encontra-se perfeitamente, defenido: preparar rapazes para a luta pela vida; a vossa missão vou explicá-la:

Portugal ainda há pouco encontrava-se num tal estado de decadência, tão acentuada, que a seu respeito dizia o célebre historiador Oliveira Martins no seu «Portugal Contemporâneo»:

«A Inglaterra, confiamos nós proteger-nos-há, mas quando não houver Africas para lhe pagar?»

«Entretanto o minhoto vai e o brazileiro vem e os empréstimos continuam. E cada vez mais Portugal perde o caracter orgânico duma nação.»

«Entre-se no Tejo, entre-se até no Douro e ver-se-hão as bandeiras de todas as nações, menos a portuguesa; formigam, fumando os vapores ingleses.»

«Lisboa é uma estalagem, nós os recoveiros.»

«Proprietários e juristas, os burguezes e os lavradores, caixeiros e artifices, patrões e operários, a nossa situação é de facto como a do turco.»

«E se assim continua temos que optar por duas hipóteses, nenhuma delas, por certo, inteiramente satisfatória: ou abdicar da autonomia em favor dum futuro distante, de grandeza peninsular, ou comformarmo-nos a ir vivendo, regeneradamente, a espera do que está para vir.»

«Os paises principalmente agricolas só enriquecem lentamente. A nós sucede-nos que que além de nos faltarem as matérias primas: carvão, ferro etc,, nos faltam matérias primas incomparavelmente mais graves ainda: juizo, saber, educação adquirida, firmeza no govêrno e inteligência no capital.»

«A fartura duma população rural ignorante, junta-se a opulência das classes capitalistas de Lisboa e das cidades do norte, não mais culta, porém mais videira. Uma granja e um banco: eis o Portugal português.»

Hoje, não sucede já bem assim, desde que a forma do Governo foi modificada, desde que à frente de Portugal, para dirigir os seus actos, foram colocados individuos que bem manifestam a sua competência e a harmonia das suas ideas com as necessidades de Portugal, fazendo com que êle seja considerado como o deve ser.

E' a República.

Antigamente tomava-se a palavra republicano para explicar politicamente coisa idêntica ao que na religião se chama hereje.

Os republicanos eram malvistos, mal acolhidos e eram mortos a tiro.

Os herejes eram queimados vivos nos autos de fé.

A monarquia tantas violencias praticou, tantos prejuizos, nos causou que um dia teve de ser banida, escorvaçada pelos republicanos.

Começa uma nova época, época de rejuvenescimento para Portugal que vai a pouco e pouco, gradualmente, tomando a importância que ora lhe havia sido tirada.

E foi neste periodo que se fundou o Instituto. Obra fomentada pela República, criada por ela, é, e não pode nunca deixar de ser, uma obra sómente republicana.

Em nós tem a República fundadas as esperanças de que combateremos por ela e elevaremos Portugal ao nivel das outras nações.

E a quem cumpre obstar que se cumpram os vaticinios de Oliveira Martins?

A nós meus caros camaradas, que à República tudo devemos.

Somos filhos 2 vezes: filhos de quem nos deu o ser, filhos da República que nos cuida da alma e do espirito.

Quanto mais não seja, mas só por gratidão, nós devemos lutar por êste querido Portugal e por esta querida República, ainda que a luta seja de morte.

Mas quando digo luta, não quero dizer sómente a luta pelas armas, mas a luta pelo trabalho, pois que julgo que só à custa de muito esforço, à custa de muito trabalhar, Portugal poderá vir a ser o que foi, já não digo mais, no tempo do Marquez de Pombal.

Cabe pois a nós, alunos do Instituto filhos da Repúlbica, filhos de Portugal combater por êle trabalhando, trabalhando, trabalhando muito!

Ja estou talvez demorando-me demasiado.

Se é certo que a sinceridade dum humilde deve ser acolhido como ela é, eu termino saudando a República e, como sou português, mas portuguez que se presa não posso deixar de desejar um futuro próspero a esta Pátria querida.

◇◇◇◇◇

O homem não compreende a vida e quer saber o que é a morte!

◇◇◇◇◇

O preguiçoso é sempre pobre.

10 DE JUNHO

10 de Junho! Quando não se reflecte neste dia fúnebre e glorioso para a Pátria Portuguesa! Ele evoca as recordações do nosso poderio imenso de outras eras, dum dos maiores impérios do mundo.

Relembrar o passado glorioso dum povo guerreiro, que com as suas frágeis caravelas, arrostando os maiores perigos e fadigas, conseguiu transpor as barreiras mais inacessíveis e chegar às paragens mais incógnitas do Orbe.

Esse povo navegador e ousado que conseguiu impor-se a todo o mundo civilisado, fazendo respeitar todos os seus direitos, canta-o o imortal poeta Luis de Camões na sua epopeia gloriosa os *Lusíadas*. É justamente o universário da morte do insigne poeta que nós hoje festejamos. Considerando-se feriado nacional o dia 10 de Junho, não só por ser consagrado às festas da cidade de Lisboa, mas porque êle é principalmente a glorificação do grande patriota, não poderiamos deixar de fazer a nossa modesta menção de homenagem a tão denodado guerreiro.

Acrescendo ao que representa esta data, veio dar uma nota de realce e alegria o facto de se encontrar entre nós o Presidente da República Brazileira, Snr. Dr. Epitácio Pessoa.

Esta visita significa não só a estima de que somos alvo pelo ilustre hóspede e pelos seus compatriotas, mas também a necessidade de estreitarmos mais ainda os laços de amizade que devem unir as duas nações irmas.

Entre nós não se festejou êste dia pelo facto de grande parte dos alunos se acharem auzentes, gosando a licença concedida por S. Ex.ª o Sr. Ministro da Guerra.

Sendo êste mensário orgão duma casa de educação e instrução, onde todos professam o amor pela Pátria e pela República, não podiamos deixar passar desapercebido êste dia inolvidável.

E neste dia em que a bandeira verde-rubra flutua pelos inúmeros mastros que se elevam na atmosfera, oferecendo-nos um espectaculo surpreendente, eu saúdo carinhosamente o simbolo sagrado da nossa Pátria, erguendo dois enérgicos e entusiásticos brados ao som dos acordes harmoniosos do hino nacional.

Viva a Pátria.

Viva a República.

Rejinaldo H. Carrilho
Aluno do 4.º ano comercial

◇◇◇◇◇◇

Devemos recear mais as censuras da própria consciência do que a dos homens.

O CÂMBIO

E' óbvio dizer que o saque e a remessa se não podem fazer ao mesmo tempo, pois que então o comprador pagaria duas vezes a mesma importância, e o vendedor receberia também o duplo da importância do seu fornecimento. Para que assim não suceda, os dois comerciantes entender-se-hão sôbre a maneira pela qual se efectuará o pagamento.

Está portanto posto fora de dúvida, que estas duas formas de pagamento podem muitas vezes substituir a remessa de ouro.

Devemos, no entanto, atender que geralmente, podemos mesmo dizer nunca, o câmbio está ao par. A Libra ou é mais cara do que 4$50 ou mais barata, o que acontece com todas as outras moedas.

Á primeira vista não se concebe que estas primeiras explicações tenham grande influência na questão dos câmbios, no entanto, ela manifesta-se bem claramente, pois que são bastante susceptiveis de modificá-los, conquanto haja outras causas alteradoras, como seja a:

CONFIANÇA — A influência que a confiança pode ter na alteração dos câmbios é tão evidente que seria dispensável qualquer explicação. Não nos devemos esquecer que além das formas de pagamento já apontadas se pode fazer uma promessa de pagamento.

Ter fé numa promessa é depositar confiança.

Se por exemplo correm boatos acusadores de pouca honradez do comerciante de Londres, será para supôr que êle não fez remessa alguma e não redigiu a sua letra senão com o sentido, pouco honesto, de receber 300 libras sem que para isso haja motivo, e, com poucas excepções, ninguem quererá comprar o seu titulo.

No caso de haver comprador, êle consentirá em comprar o titulo mas fazendo o desconto por exemplo de 50 libras ou mais.

Por outro lado, se o comerciante de Lisboa está prestes a falir, ninguêm comprará o titulo de crédito por êle assinado, cujas responsabilidades de pagamento recaiem sôbre um individuo, com todas as probabilidades de o não poder efectuar.

Fácilmente se concebe que êste titulo do valor nominal de 300 Libras passe a ter um valor nominal muito menor (250 ou mesmo 200 Libras), ainda muito dificilmente realizável em virtude da dificuldade de arranjar comprador para um artigo que não oferece mais do que desvantagens ou inconvenientes.

E o que se diz dos comerciantes pode tambem ser aplicável aos Estados,

Suponhamos que o tesouro português está numa situação precária e duvidosa: uma nota dum banco português, do valor nominal de 10$00 será muito dificilmente aceite em Londres e quando o for, sê-lo-há por uma quantia muitissimo mais baixa, 8$00 por exemplo.

Dêste modo, e atendendo ao que fica exposto, conforme for maior ou menor a confiança que o Estado português tiver em Inglaterra assim mais ou menos valorizada será a nossa moeda.

Mas a confiança, na grande maioria dos casos exerce a sua grande influência nos câmbios, nos grandes periodos de crise, como fácilmente se depreende, havendo um factor que, constantemente, quer seja em periodos de crise quer em periodos normais alteram profundamente o curso dos câmbios, exercendo sobre êles a mais poderosa das influências. E' a:

LEI DA OFERTA E DA PROCURA — Esta lei de que todos falam e que portanto é bem conhecida, é a lei que domina todos os mercados podendo enunciar-se da seguinte forma: uma quantidade de ofertas provoca a baixa enquanto que um grande excesso de procuras ocasiona uma alta.

Em todos os casos e em toda a parte se pode constatar a veracidade desta lei (no mercado de géneros. no de gado, no aluguer de carros, trens, automóveis), sendo a sua aplicação às moedas a que que reveste maior importância.

(Continua)

Mário Gouveia Pinto
Aluno do 7.º ano comercial

Fim trágico

O vento contorcia as possantes árvores, arrastando verdadeiras nuvens de pó envoltas com as folhas que delas se desprendiam.

As bátegas de água aumentavam de intensidade, tornando mais lamacentos os caminhos.

Desencadeava-se uma tempestade. O relâmpago iluminava com a sua viva luz esta terra que parecia açoitada por um furacão, acompanhado pelo fuzilar do raio e pelo ribombar medonho do trovão.

E por um atalho seguia uma pobre creatura horrivelmente aterrorizada, por estas tremendas manifestações da natureza.

O caminho era pelo meio duma cerrada mata com os seus mistérios insondáveis.

Aqui ou alêm, um raio despedaçava um tronco, e então aquele gigante arbóreo parecia também soltar seus lúgubres gemidos.

E aquela mulher, aquele coração de mãe, chorando, erguia os braços para o rubro firmamento que despedia línguas de fogo, implorando misericórdia ao poderoso Deus.

Mas as suas súplicas pareciam não serem atendidas, porque a tempestade redobrava de violência pouco a pouco.

As lágrimas corriam-lhe abundantes pelas maceradas faces.

Aquela alma sofria a dilacerante dor dum coração opresso por um pensamento.

Meu filho!...

Como êle deve chorar, como êle deve ter medo de estar sòzinho naquela casa, e quem sabe se já o não tornarei a ver...

Oh! que infelicidade a minha!

E o raio continuava na sua missão devastadora.

O desespêro nela aumentava e as fôrças tendiam a abandoná-la.

Então produziu-se uma outra descarga elétrica, e um corpo baqueou fulminado.

Era o da pobre mãe, cujo último pensamento foi o da desgraçada criança que no berço da inocência talvez ficasse dormindo o eterno sono.

. . . . . .

Rompe um dia de inverno frio e ventoso dum vento e dum frio de gelar.

Na atmosfera uma aquosa poeirada caia, como gelado vapor, nas mãos e cara dum pequeno e taciturno cortejo que para o cemitério seguia transportando dois restos mortais.

Entram na igreja, poisam aqueles dois caixões e destapam-nos.

A infeliz mulher, acompanhada do pequenino anjo, seu ente estremecido, permaneciam ali rigidos e inanimados.

O padre, como de costume, remoeu umas orações de toada latina e pegando no hissope espargiu água benta sôbre aqueles cadáveres.

Por uma rua toda florida e aromática deslisava silencioso e cabisbaixo o préstito fúnebre, mas as flores ali seduzem pela tristeza e solidão, sentindo-se a tétrica melancolia, porque ali acabou a existência e começa a eternidade.

É pois a barreira que separa a vida da morte.

Quantas lágrimas não terão sido choradas à vista daqueles mudos túmulos, regando aquelas tristes, modestas e roxas flores!

Não sei, nem posso fazer idea!

A cada passo ergue-se uma cruz, vejo uma

inscrição começando quási sempre pelas palavras «Aqui jaz...» e segue-se o nome dum que outrora foi ser vivente para debaixo duma álgida campa se decompor no *nada*.

Tudo nele é tristeza.

Quando lá entrámos, apodera-se de nós a mais pungente dor que o coração humano pode sentir.

E os dois cadáveres lá desceram às sepulturas, com o mesmo latim, a mesma água benta para serem também transformados no grande laboratório do universo.

Nascimento Cabrita
5.º ano comercial

Laboratório

Com a criação e desenvolvimento da cadeira de Mercadorias o incremento dos trabalhos práticos no Laboratório, aumentou.

E pena é que êsse incremento não tenha sido maior, mas a falta absoluta de gás, tem dificultado imenso a marcha dos estudos, pois que estamos unicamente reduzidos a dois pequenos fogareiros de petróleo como fontes de aquecimento.

No entanto várias teem sido as análises feitas e entre elas, vamos ter o prazer de transcrever o resultado da análise feita ao leite das vacas do Instituto.

Boletim da analise do leite das vacas do Instituto entrado em 3 de Maio de 1919

Ensaios	Percentagem	Por litro	Normal
Densidade, 1,031	—	—	1,28 a 1,32
Nata	11 %	—	9 a 14 %
Manteiga (a)	43 %	—	41 a 44 %
Caseína	9,52 %	95,2 (b)	43 ‰
Lactose	3,27 %	32,7	5,2 %
Extracto sêco	12,7	127	130 ‰
Cinzas	0,64	6,4	7 ‰

(a) Método de Adam.
(b) E' possivel que não tenha dado o resultado desejado por ter o filtro sido submetido a uma secagem deficiente.

Benfica, 31 de Março de 1919—Pelo curso do 7.º ano comercial, a) *Mário Gouveia Pinto.*

Os trabalhos proseguem e no próximo número publicaremos o resultado do estudo da nova manteiga que a ex.ma Direcção do Instituto tenciona adquirir para consumo e que está sendo analisada.

M. Lucas de Sousa
Aluno do 7.º ano comercial

CURIOSIDADES ASTRONOMICAS

Urano

Foi Herschel, quem descobriu Urano, não julgando todavia que descobrira um novo mundo, mas sim um cometa.

Emigrado em Inglaterra, numa ocasião em que prescutava os arcanos da infinita amplidão celeste, Herschel notou um pequeno ponto que lhe pareceu de maior diâmetro que uma estrêla.

Aumentou o poder às oculares do seu telescópio e o diâmetro aparente do minúsculo pontô, aumentou proporcionalmente ao poder ampliador do instrumento.

Após outras observações o abalisado astrónomo, não prevendo um novo planeta solar, anunciou-o como um cometa.

Só mais tarde, depois de aturados estudos é que Urano foi classificado como planeta.

Gravita no espaço a uma distância de 2.853 milhões de quilómetros do Sol. Menor que Saturno e Júpiter, é todavia maior que todos os planetas do primeiro grupo reunidos: Mercúrio, Vénus, Terra e Marte.

O seu diâmetro mede 55.000 quilómetros.

E sessenta e nove vezes mais volumoso que a Terra e catorze vezes mais pesado. Em superficie é dezanove vezes mais extenso e em densidade muito mais fraco que o esferoide terrestre. A matéria de que é composto, é cinco vezes mais leve que a do nosso globo.

Seriam precisas sessenta e nove Terras para perfazer o volume de Urano.

Completa o seu movimento de translação em 84 anos e 7 dias.

Quanto ao movimento de rotação nada sabemos.

A análise espectral denota a existência de gases desconhecidos para nós.

Girando a dois biliões e oito centos e cincoenta e oito milhões de quilómetros do Sol, Urano recebe trezentas vezes menos luz e calor, que o que nós recebemos.

Possue quatro satélites, mencionados abaixo.

Nomes	Distância a Urano	Tempo de translação
Ariel.....	196.000 quil.	2 dias 12 h. 29 m.
Umbriel...	276.000 »	4 » 3 » 27 »
Titania....	450.000 »	8 » 16 » 56 »
Oberou ...	600.000 »	13 » 11 » 7 »

Apresentam uma singulariedade que os tornam curiosos.

Em vez de girarem de oeste para leste como os satélites atrás descritos, giram de leste para oeste e perpendicularmente ao plano da órbita.

Neptuno

Eis-nos chegados aos confins do sistema solar, actualmente conhecidos.

Achamo-nos, pois a quatro biliões, quatrocentos e setenta e oito milhões de quilómetros distanciados do nosso radiante astro da luz e à ninharia de quatro biliões, trezentos e vinte e nove milhões do globo terrestre.

Dizem que a Astronomia é a mãe das outras sciências, mas eu opto pela Matemática que se o não é deveria ser a *grand mothe*.

Foi pois pela Matemática, essa sublime revelação da inteligência humana, que se reconheceu a existência de Neptuno. Ora no mundo solar, ainda prevalece, como nos espíritos teutões, opressão dos fracos pelos fortes e dêste modo além da atração solar, os mundos exercem uns sôbre os outros atracções, que desmancham um pouco a harmonia mantida pelo Sol. Só o gigante Júpiter é a causa de muitas perturbações do sistema. Mas continuemos no nosso assunto do qual nos desviámos para a compreensão das ideas seguintes.

Nas observações feitas a Urano não tardou que se reconhecessem irregularidades insólitas, que os astrónomos só poderiam explicar com a existência de um planeta ultra-uraniano.

Mas a que distância se encontraria êsse planeta? Eis o *x* do problema. Existe uma lei astronómica que muito simplesmente indica as distâncias relativas dos planetas ao foco central.

(Continua)

Manuel Lucas de Sousa
Aluno do 7.º ano comercial

RECORDANDO...

Era numa tarde de Dezembro.

A atmosfera pesada irrespirável indicava tempestade próxima.

As nuvens cerradas, mal deixavam de vez em quando uma aberta por onde se coava um tímido raio de sol.

As avezinhas assustadas pelos prenúncios datormenta, acorriam apressadamente aos seus ninhos.

Em breve o ribombar do trovão se fez ouvir e as descargas sucessivas do mortífero raio infundiram-me um certo receio. A chuva caia já em grossas bátegas encharcando completamente.

A tempestade não abrandava, pelo contrário redobrava de violência.

Ia ainda a meio da encosta.

Resolvido como estava a contrariar nesta parte as rudes leis da natureza avancei mais alguns passos.

Eis que deparo com um quadro muito interessante e que me despertou viva curiosidade: um passarinho agitando as suas débeis asas debatia-se violentamente no solo.

Não pudera lutar contra o vento que bramia furioso e sucumbiria dentro em breve à mingua de socorros se não fôsse a minha presença.

Abeirei-me dêle compadecido e apanhando-o dispunha-me a afagá-lo, quando uma forte bicada me trespassou as carnes já enregeladas pelo frio.

Como não esperava por tão forte ataque do inocente animalzinho que eu julgava quási morto, fiquei atónito contemplando-lhe o vôo até que de todo me desapareceu.

Entretanto a chuva já tinha cessado e como estava com apetite, depressa transpus a exaustiva encosta e dei assim começo às exigências do estômago.

Fernando Joaquim Córado
Aluno do 5.º ano comercial

A ANTIGUIDADE DO HOMEM

Idade da pedra lascada — Época da Rena e do Mammuth

Mas o que podiam êles fazer contra êsses animais com pontas de dardos? Estes factos forçam nos a crer, que já entre êles existiam as armadilhas e as rêdes. Eles apoderavam-se fácilmente do elefante, como hoje os Hotentotes; abriam uma cova no caminho habitual do animal. no qual obliqùamente espetavam uma estaca, cobrindo-a em seguida com ramos e terra. Quando o monstro passava por cima da armadilha, caia na cova espetando-se-lhe a estaca no peito, a qual lhe fendia mais o rasgão, quanto mais êle tentava evadir-se.

É fácil ver que a temperatura em que viviam os nossos antepassados era muito baixa, visto que, os animais que com êles viviam, só hoje habitam as regiões polares.

E' razoável que o homem se cobrisse de peles para se preseverar do intenso frio que constantemente o incomodava.

A sua alimentação consistia em carne de animais que caçava, juntamente com vegetais.

Eles deixavam apodrecer os restos das comidas, dentro das suas frias habitações.

Tinham respeito pelo culto dos mortos.

Depois de lhes morrer algum parente acompanhavam-no até à sua última morada, dando imediatamente um banquete. Eles pensavam que o morto ia ter uma vida futura e por isso os sepultavam com os seus trofeus de caça.

A indústria era mais que rudimentar. Não cultivavam o solo. Estes selvagens já tinham o gôsto pelo adôrno, pois que mulheres e homens usavam colares, que consistiam num fio envolto ao pescoço contendo conchas enfiadas.

Possuiam já uma leve ideia de escultura o que se demonstra por ter sido encontrada uma pedra contendo numa das faces gravadas o grande urso das cavernas.

As ossadas completas que foram encontradas nalgumas cavernas, permitiram aos sábios estudar a capacidade intelectual dos nossos antepassados. Em 1808 fez-se em Dordonha uma dessas descobertas, onde se encontraram dois crâneos em perfeito estado.

Estes indigenas de Dordonha eram barbarissimos e tinham uma força bruta! Combatiam contra a sua própria espécie!

Em 1872 foi descoberto um esqueleto inteiro dum homem pertencente à época do grande urso. Numa gruta na fronteira Franco-Itálica foi descoberto um esqueleto dum homem que, pela sua horrível posição, mostrava tê-lo a morte surpreendido quando dormia! Aquele esqueleto remontava à idade de vinte e quatro mil anos mas, afora isso, não deixou de ser um perfeito exemplar.

Vou agora, fazer um singelo resumo dos costumes e condições de vida do homem na época que acabo de descrever.

Quando o homem foi lançado à terra, por um mistério que ficará eternamente oculto para a humanidade, era fraco e tudo que o rodeava, poderoso. Quando todos os animais estavam naturalmente resguardados por uma cobertura espessa, êle coitado estava nú. Tinha que defrontar-se com um urso duas vezes maior dos que de hoje, um cavalo mais elegante e veloz, um touro mais forte, etc.

O homem primitivo aprendeu os costumes dos ursos das cavernas e com êles se refugiou; formaram associações conseguindo matar êsses ursos e cobrir-se com a sua espessa cobertura. Porêm, quando o urso se extinguiu apareceu logo o mamuth que tambem lhe trouxe muitos conhecimentos úteis.

Este animal sabia diferenciar os oásis da verdura, achar as fontes de água fria e pura, partir os gelos etc.

(Continua)

Jaime Gil Mascarenhas
Aluno do 5.º ano comercial

Crónica desportiva

Dia 1 de Junho — Contra o *Club Internacional de Futebol*.

Dia esplêndido. Os jogadores já estão equipados e só esperam que finde o desafio que se está a realizar no mesmo campo.

O desafio estava marcado para as 18 horas e um quarto, mas só começou às 18 e meia.

Ao terminar o outro desafio o nosso árbitro depois de dar os tres apitos regulamentares, atira uma moeda ao ar, para a escolha do campo, cabendo essa escolha ao nosso capitão. Êste escolhe o lado do campo que tem o sol favorável e o jôgo começa.

Ninguem duvidava da vitória do *Internacional*, mas tal não sucedeu. Os nossos jogadores exercem supremacia sobre o adversário, que a custo se defende.

Dão-se algumas fases de jôgo interessantes, despertando até algumas a hilaridade da assistência, pois os nossos jogadores são os mais pequenos dos grupos infantis.

O jôgo está interessando e agora somos nós os atacados, mas as nossas defesas estão vigilantes e repelem os ataques inimigos.

O nosso guarda rêde está a trabalhar bem, tendo defendido todas as bolas que lhe são apontadas.

O jôgo está-se a tornar monótono, pois os jogadores parecem estar cançados; mas o nosso centro consegue levar a bola até às rêdes adversárias, o guarda rêde defende, mas, um dos nossos jogadores apanha a bola e leva-a novamente às rêdes inimigas, mas a bola vai fóra.

Estamos atacados, porem as defezas fazem bom jogo, interceptando as avançadas do *Internacional*.

A bola não passa do centro; e nesta fase indecisa sôa o apito do árbitro para findar a primeira parte.

Depois do descanço regulamentar o árbitro apita para começar o jôgo.

Apenas o jôgo começa os nossos carregam mas os defesas adversários defendem o seu grupo enérgicamente.

Os do *Internacional* trazem a bola junto das nossas rêdes, mas as defesas que teem um trabalho extenuante, defendem-na, sendo por isso aplaudidos pela assistência.

Os nossos estão a atacar e numa avançada bem conduzida atingem a área do guarda rêde, as defezas falham, conseguindo nós devido ao alvoroto meter a primeira bola da tarde; o público aplaude.

A bola torna ao centro; a energia reverbera mais os nossos ânimos; no entanto o adversário faz uma avançada. O momento torna-se indeciso e o nosso guarda rêde dominado pela precipitação faz perigar as rêdes e numa fraquejante defesa dá lugar a que, por uma casualidade um jogador contrário fure as rêdes.

Esta bola não veiu desanimar o nosso grupo que, redobrando de energia esforçou-se por levar a vitória.

O jôgo finda e assim ficam os dois grupos empates por 1 bola a 1.

O ponta esquerda jogou mal, contudo relativamente fizeram bom jôgo a meia ponta direita e os defesas.

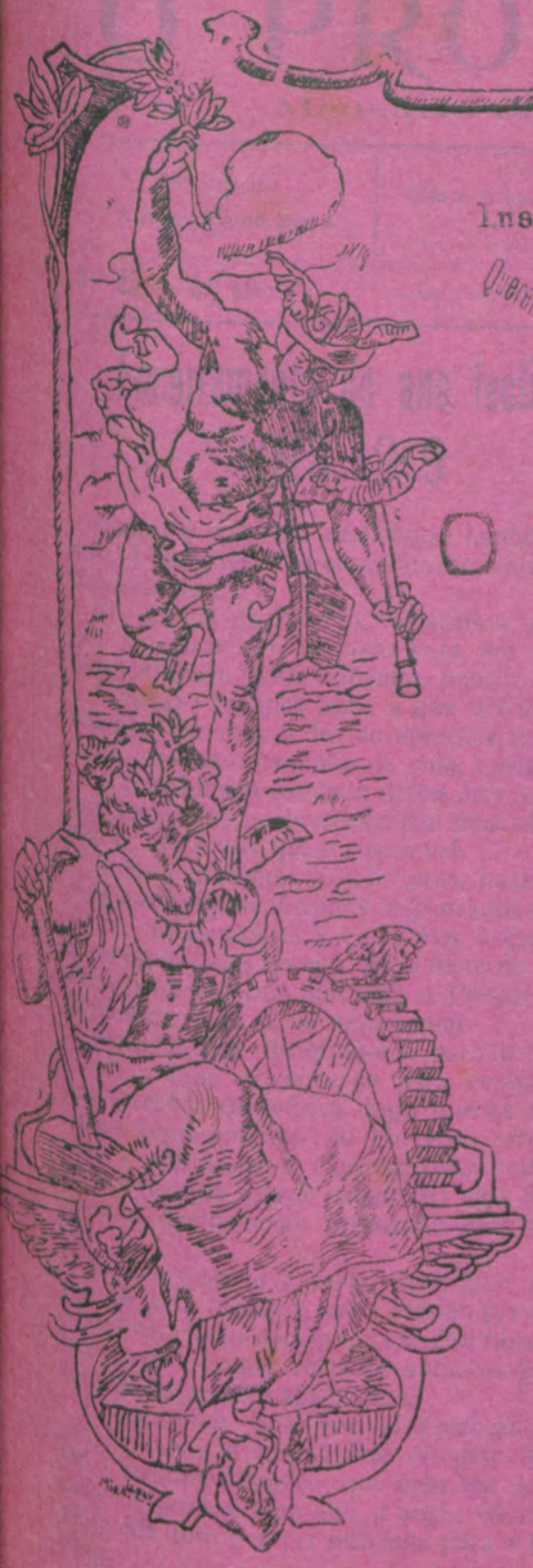
É para elogiar o árbitro pela forma como dirigiu o jôgo e pela sua imparcialidade.

Eduardo M. Centeno
Aluno do 5.º ano comercial

◇◇◇◇◇◇

Sim e não — dizia um sábio — são as duas palavras de mais breve pronúncia e as que demandam mais reflectido exame.

N.º 25 Dezembro 1919



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMARIO

Encerramento do ano lectivo 1918-19	*Jaime Gil Mascarenhas*
Curiosidades astronómicas	*Manuel Lucas de Sousa*
O Câmbio	*Mário Gouveia Pinto*
A Antiguidade do Homem	*Jaime Gil Mascarenhas*
Impressões duma viagem	*Raul Monteiro*
A Primavera (poesia)	*Adelino Pandaio*
Querer é Poder	*Jaime Gil Mascarenhas*
Passado e presente	*Nascimento Cabrita*
Necrologia	*Salgueiro Maximo*
Ecos	*Redacção*

Preço 4 centavos

1919
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro
Alfredo Tomé Serra

CONSELHO DE REDACÇÃO
Mário Inácio Vieira, Jaime Gil Mascarenhas e Nascimento Cabrita
Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director
Adelino Pandaio

N.º 25 — 5.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Dezembro de 1919

Encerramento do ano lectivo 1918-1919

Como é costume, realizou-se também êste ano, a festa final do encerramento dos trabalhos escolares.

Os alunos do 7.º ano, tomaram a seu cargo, organizar uma pequena festa, em que desempenharam todos, brilhantes papéis.

É dessa simpática festa, a que nós hoje talvêz não daremos o devido apreço, e que mais tarde no nosso caminho da vida, relembraremos com infinda saúdade dêstes dias da nossa mocidade, que eu pretendo dar uma ideia sumária, tão nitida quanto possivel.

A festa começou às 17 horas, hora a que chegaram alguns distintos magistrados da Govêrno da República e entre êles o Ex.mo Sr. Domingos Leite Pereira, presidente do ministério proposto por Sua Ex.ª o Presidente da República, para o vir representar.

Seguidamente dirigimo-nos para o teatro. Ali a tuna preparou-se para executar os seus trechos de música, logo que os dignissimos representantes do Govêrno terminassem a sua visita à exposição dos trabalhos escolares, que estava patente na aula de Comércio, devidamente preparada para aquêle fim.

Ao terminarem a visita, Suas Ex.as dirigiram-se para o teatro; nesta ocasião prestou-se a continência, tocando a tuna a «*Portuguesa*», depois de executar variados números que foram gostosamente aplaudidos.

Terminou-se esta amável recepção, com um brilhante e empolgante discurso do Sr. Dr. Casimiro Chamiço, que pelo seu dom da palavra afirmou bem alto, a acção educadora nêste Instituto e a sua utilidade para a República.

Estava préviamente organizado um turno de estenógrafos do C. Comercial para estenografarem, o discurso do ilustre orador, mas atarefados com os últimos preparativos, não nos recordou colocar uma mesa própria para êsse fim, o que só nos lembramos quando estávamos no teatro, e então já seria dificil colocá-la ali.

No teatro, poucas familias, poderam assistir ao discurso, porque a lotação já é pequena para os alunos; e as galerias, estavam já ocupadas, pelos Ex.mos visitantes e Srs. Oficiais.

Em acto continuo, fomos para a Parada, onde demos inicio aos exercicios fisicos: Ginástica I. Militar e Jogos desportivos, pelos alunos da 1.ª Secção. Estas provas finais constituiram a festa diurna, que foi abrilhantada pela banda de Infantaria 5.

Os dignos representantes do Govêrno, assistiram duma tribuna, armada na parada e que à noite serviu para palco.

A assistência era numerosa, pois que a entrada para a festa diurna, era geral, dispensando-se os bilhetes de convite.

Depois dos exercicios, Suas Ex.as retiraram-se belamente impresionados, deixando exarado no livro de visitas as honradas expressões, quetemos o prazer de reproduzir, no nosso órgão na epigrafe Ecos.

Passada uma hora apróximadamente, durante a qual nossas familias apreciavam a exposição dos trabalhos, começou a récita enquanto a enchente avolumava.

A nossa parada, serviu de teatro, pois como já dissemos, êle é muito pequeno e já dificilmente cabem os alunos.

A festa nocturna iniciou-se, com alguns números de canto coral; seguidamente a tuna fez ouvir novamente os seus apreciados trechos.

De permeio, com várias representações como cançonetas, monólogos, poesias, comédias etc., exibiram-se algumas fitas cinematográficas. Durante os intervalos, um quinteto, constituido pelos alunos: Serra, Barata, Américo e Arménio, hábilmente dirigidos pelo nosso distinto maestro Sr. Costa Brás, executou vários trechos, que foram muito aplaudidos, afora os números de acompanhamento.

Produzia um belo aspecto, a iluminação electrica a lâmpadas de várias côres, que suspensas das nespereiras, dum e doutro lado do palco, davam a ideia de árvores do Natal.

No decorrer da festa, vários alunos anda-

vam vendendo *O Profissional*, bilhetes ilustrados, representando, vários exercícios dos alunos e salas do Instituto.

Não podemos como era o nosso intento publicar um número especial de duplicado número de páginas, como já aconteceu um ano, mas como a festa, foi na ocasião, do último período, e é sempre nesta ocasião que mais temos a estudar, não podemos preparar um mensário com desejávamos. Só conseguimos publicar o n.º 24.º um pouco mais aperfeiçoado, que foi publicado no dia da festa.

Quando terminou a festa era já 1 hora e 30^{m}, devido a ter começado mais tarde de que estava fixado, por isso, quando se representava a desgarrada pelos alunos do 7.º ano, que foi desempenhada últimamente, já algumas famílias se começavam a retirar, temendo não alcançar o último carro.

Daí a pouco terminava esta inolvidada festa, que pela 1.ª vez constitue a despedida, dum curso, que deixou o Instituto, onde foi educado, para ir cursar outras escolas superiores.

E nós, os cursos que tínhamos exames a prestar iniciamos o período interno das *férias de ponto*, e os nossos camaradas que os não tinham a desempenhar, foram gozar as férias grandes. Foi por êste motivo, que não tivemos ocasião de expedir o n.º 24 como era nosso intento e obrigação, mas do que pedimos a máxima desculpa.

Jaime Gil Mascarenhas
6.º ano comercial

CURIOSIDADES ASTRONOMICAS

Neptuno

Assim, partindo de zero, escrevamos o número 3 e duplicando sempre os resultados obtidos, teremos:

0 — 3 — 6 — 12 — 24 — 48 — 96 — 192 — 384 adicionemos a cada número o algarismo 4 e teremos:

4 — 7 — 10 — 16 — 28 — 52 — 100 — 196 —388. Se representarmos por 10 a distância do Sol à Terra, 4 representa a distância a Mercúrio; 7 a Vénus; 16 a Marte; 52 a Júpiter; 100 a Saturno e 196 a Urano. Ora o grande matemático francês Le Verrier (erradamente apontado pelos franceses como inventor do nónio, invenção jenuinamente portuguesa, do nosso ilustre matemático Pedro Nunes) que estudava as perturbações de Urano, para calcular a distância do planeta perturbador, fez os seus cálculos sôbre a base de 388. A 30 de Agosto de 1846, anunciou Le Verrier a posição do novo planeta e a 20 de Setembro do mesmo ano, Galle astrónomo alemão, dirigindo a sua luneta para o ponto indicado verificou realmente a presença do planeta. Por conseguinte Le Verrier, isolado no seu gabinete e simplesmente auxiliado pela matemática conseguiu descobrir um novo membro do sistema solar. Foi baptizado com o nome de Neptuno, rei dos mares e irmão de Júpiter o senhor de Olimpo magestoso, segundo a Mitologia.

A distância a que gravita Neptuno vale novecentas vezes menos em luz e calor que a Terra.

O seu diâmetro mede 48.000 quilómetros, quer dizer: é o quádruplo do nosso. E' cincoenta e cinco vezes e meia mais volumoso que a Terra, de modo que seriam necessárias 55 Terras para perfazer um Neptuno. A gravidade à superfície deve ser igual à nossa, mas a nossa densidade é tripla da de Neptuno. O seu movimento de translacção leva a completar-se 164 anos e 281 dias terrenos! E' o astro mais vagaroso da família solar. Ao passo que Mercúrio se desloca com uma velocidade de 47 quilómetros por segundo e a Terra 30, Neptuno apenas percorre 5 quilómetros e meio por segundo.

A análise espectral revelou-nos a presença de gases desconhecidos na sua atmosfera, que parece quimicamente análoga à de Urano. Possue um satélite que gira de leste para oeste.

Manuel J. Lucas de Sousa

O CAMBIO

Eis a maneira como esta lei se faz sentir em matéria de câmbio. Em Lisboa, por exemplo, a libra está mais ou menos cara conforme é mais ou menos procurada.

Tomemos porêm um exemplo:

Uma casa qualquer de Lisboa deve a uma outra de Londres a quantia de 300 £ e enviou para Londres uma letra de câmbio daquela importância.

O comerciante de Londres como tem necessidade de dinheiro e tem em seu poder um papel que o representa, mas que precisa préviamente de ser trocado vai ter com o seu banqueiro e vende-lhe a letra com um desconto, suponhamos 1 $^{1}/_{2}$ %.

Pouco depois, um grande número de comerciantes londrinos nas mesmas circunstâncias do

que os daquele que vimos falando procuram também os seus banqueiros e vendem-lhe também os titulos de que são possuidores.

A uma certa e determinada hora todos êstes banqueiro se reúnem num local chamado «A Bolsa» onde êles procuram revender as letras que tem em seu poder e apergoam as importâncias de que dispõem.

Se por acaso aparecem muitos compradores todas as letras são vendidas e aqueles que as compram remetem-nas aos individuos que com êles mantêm relações comerciais.

Admitamos que um dêles desse 300 £ a um comerciante de Nápoles.

Logo que êste receba a letra de câmbio entrega-a a um banqueiro para a realizar.

É necessário prever no entanto dois casos um dos quais se dará fatalmente: ou a Inglaterra é devedora por excesso da Itália, ou então, a Itália é devedora por excesso da Inglaterra.

No 1.º caso é grande a afluência de titulos à Bolsa italiana e pequena a quantidade de compradores.

Nestas circunstâncias um titulo de 300 £ só será vendido por 299 ou menos.

No outro caso há uma pequena afluência de titulos e uma grande quantidade compradores, de forma que a £ adquire um valor superior ao valor real e nesta conformidade a letra que é do valor de 300 £ será vendida por 301 £.

Em qualquer dos casos há um lucro que reverte a favor dos italianos.

No 1.º caso o comerciante italiano comprador da letra adquire-a por um preço muito mais baixo do que o normal o que quer dizer que compra uma quantidade de 300 £ por uma importância com a qual noutras condições só compraria 250 £.

No 2.º caso o vendedor da letra adquire com 300 £ uma quantia tal de libras que noutras circunstâncias só conseguiria obter talvez com 305 ou mais £.

Mário Gouveia Pinto

A vida é sempre muito curta, para quem não economisa o tempo.

E' pelas grandes qualidades que se conquistam amizades; são os pequenos defeitos que no-las fazem perder.

Um mau costume, melhor se corrigirá hoje que ámanhã.

A ANTIGUIDADE DO HOMEM

Idade da pedra lascada—Época da Rena e do Mammuth

E como êle o homem imitando-o chegou aos bosques de verdura onde se encontravam nespereiras, castanheiros e dêsses conhecimentos tirou recursos alimentícios. Depois o aluno revoltou-se contra o seu mestre dando-lhe caça por meio das armadilhas. Que mina inextinguivel de recursos era o Mamuth!

O homem resguardado pela sua rica cobertura podia já ir aos lugares mais afastados.

O homem ia adquirindo já muitos conhecimentos; então já se alumiava e aquecia a sua caverna, o que nós hoje fazemos em nossas casas com os esquentadores.

A indústria começou então a aparecer mas o homem ainda miserável, tinha a sua vida ainda muito falha de recursos, não financeiros, como os dos nossos dias. mas sim alimentícios. Êle não tem um amigo!... até o meigo cão de hoje, era outrora muito bravio; também, não bebia leite porque os rebanhos eram naquela época ainda selvagens.

Não conheciam a pesca nem a agricultura. Metais não possuia, mas a pedra chegava-lhe graças à destreza; com ela fabricava facas e punhais. Possuiam também as suas rudimentares noções de desenho; sôbre os chifres de veado desenhavam uma figura representando um urso.

Usavam já agulhas e punções.

Apesar de tôdas as grosserias êsse selvagem tem um coração!

Nesse ser grosseiro brilha a luz divina!

Já crê na imortalidade da alma!

Por isso êles ao sepultarem algum dos seus parentes, acompanhavam-no com as suas armas de caça, porque criam êles, que o finado depois ia fazer uma viagem, na qual tornaria a caçar o grande urso.e o Mamuth.

Até para essas viagens indefinidas os seus irmãos lhe deixavam provisões como carne, etc. Êles tinham crença num Deus Tutelar.

Época da pedra polida ou dos animais domésticos

O que foi o dilúvio? foi a sua origem, o reaquecimento do globo; então liqüifizeram-se os gêlos, e as águas, correndo com feroz impetuosidade, extensões de quilómetros mataram os habitantes, arrastando tudo que estivesse no seu caminho. As águas sulcaram profundas cavidades, levando na sua vertiginosa marcha, grandes porções de terra, detritos de

animais e vegetais que ao depositarem se nos extensos vales, constituiram os chamados terrenos Diluvianos.

Há porêm outros sábios, que propõem outras explicações, mas quer sejam umas ou outras, todavia é veridico, que durante o periodo Quaternário, se deu um grande cataclismo, devido ao rápido e impetuoso escoamento das águas, as quais deixaram vestigios bem visiveis nos vales de diversos países. Semelhantes vestigios são detritos vermelhos de argila, junto com seixos rolados. Os terrenos desta origem cobrem uma grande parte da Bélgica, variando a sua espessura de 2 a 3 metros.

O terreno diluviano é de todos o mais recente.

Após o fenómeno diluviano, apareceu uma nova raça humana. Essa raça foi a Ariana, que em parte se misturou com a Mongoloide que sobrevive ainda.

Era aquela raça mui semelhante à actual os seus caracteres conserva-os ainda. A sua estatura era alta, crâneo volumoso, os seus contôrnos apresentavam a forma oval, a fossa canina um pouco deprimida. Os crâneos femininos revelam um conjunto harmonioso, que nos traduzem uma expressão de beleza.

Presume-se que essa raça proviera dos planaltos Asiáticos donde viera juntamente com outros povos, que se destinaram outras regiões por não poderem suportar, o frio da região que lhes foi berço.

Dos Arianos descenderam os Celtas, cuja lembrança a história já nos assegura.

Agora já se não fala no homem Mongoloide, que desapareceu para sempre, para as regiões do Norte, o qual é representado pelo Lapónio dos nossos dias.

Olhemos de perto a vida dêsse povo:

Durante algum tempo continuou a habitar as cavernas, sob as rochas, nos terrenos que formam hoje a França

Nas suas cavernas foram encontrados despojos, do boi, urso, veado, etc., e também do cavalo. A rena e auroque, já não existiam! Com a rigorosa temperatura, abandonaram também, as suas primitivas paragens indo viver para o hemisfério Boreal.

A alimentação da nova raça, pouco diferia das antecessoras. Utilizavam também os objectos de silex, as pontas de flexa, raspadores, os quais pareciam ser polidos nas suas extremidades.

Descobriram-se várias cavernas sobrepostas.

Nesta época, tornaram-se distintos os sábios Dinamarqueses, que obtiveram um grande avanço, no estudo do Homem Primitivo a quem são devidos os maiores louvores.

O museu de Copenhague, não tem rival no mundo sôbre antiguidade pré histórica.

Nos Fiords da Dinamarca descobriram-se inúmeras cavernas onde se encontraram, ossos de mamiferos, conchas de ostras, restos de aves e de peixes.

Sabeis qual a razão desses vestigios?

Naquela região outrora viveu um povo que se alimentava da pesca e que espalhava os restos dos seus manjares, em volta das suas habitações, êstes despojos acumulados haviam constituido verdadeiros bancos.

Os antigos habitantes da Dinamarca não receavam afrontar-se com as ondas, afim de se nutrirem dos peixes que vivem ao largo das costas, como o bacalhau, o arenque etc.

Vários indicios, permitem deduzir, que êstes nossos antepassados, souberam, domesticar o cão.

Também como o homem da época da rena extraiam a medula dos ossos, o que constituia o seu melhor manjar.

A pesca, faziam-na à linha e à rede como hoje.

A caça era feita com o arco.

Como avanço na arte da pesca inventaram o anzol de ossos, hábilmente construido.

As redes eram de linha, de malhas largas o que nos leva a crer, que pescavam peixes grandes.

O seu vestuário era as peles, as suas tendas de peles eram cobertas.

Relativamente, à sua indústria; continuaram a fabricar objectos de silex, porêm já se encontravam nesta época lascas de ferro nas suas tendas.

Apresentavam uma leve ideia de escultura o que a demonstra, ter sido encontrada uma pedra contendo numa das faces, gravado o grande urso das cavernas.

As ossadas completas que foram encontradas nalgumas cavernas, permitiram aos sábios estudar a capacidade intelectual dos nossos antepassados.

As armas e utensílios nos últimos tempos desta época, foram o mais aperfeiçoado trabalho de pedra. Até os machados desta época representavam sôbre os antepassados, uma manifesta superioridade de perfeição e gôsto artistico. As pontas de lança são uma verdadeira obra, considerada na arte daqueles tempos. Tinham o comprimento de $0^{m},38$, algumas são dentadas nos bordos. Igualmente faziam punhais sôbre que esculpiam delicadissimos desenhos. Os objectos de osso exitiam, sim; mas já em diminuto número.

Tinham como os seus antepassados,fábricas de objectos, que estavam instalados numa região de pequeno raio. Êles possuiam o Zircónio, com que facilitavam a preparação da pedreira. Foram encontrados vestígios de grandes fabricas de silex. Fabricavam instrumentos, associando à pedra a ponta de veado.

É nesta epoca, que aparece com perfeição a arte de construir vasos.

Suspeita-se que o homem desta epocá já se dedicava à agricultura cultivando os cereais. Foram encontradas mós; já fabrivam o seu pão.

É da Época da pedra polida que provem a ideia da navegação: as suas primitivas embarcações foram constituidas por troncos de árvores, que eram cavadas pelo interior; os remos qué manejavam era ramificações longas pouco espessas, com configuração dc pás. Porêm os seus aperfeiçoamentos nao ficaram por aqui: chegaram a descobrir as velas!

Os troncos que serviam para as embarcações eram os de carvalho, os quais se cavavam com instrumentos grosseiros auxiliados pelo poder do fogo. Raros foram os que se executaram com aparelhos metálicos.

Numa piroga foi encontrada uma rolha de cortiça, o que indica as relações, com a Espanha, França meridional e Italia.

(Continua)

Jaime Gil Mascarenhas
6.º ano comercial

Um povo que vive de saudades não progride.

Impressões duma viagem

I

Eu desejava com palavras claras e compreensiveis, descrever-lhes de uma maneira assaz resumida, as impressões que senti nesta pequena viagem.

Não possuo êsse dom e por isso mesmo peço-lhes mil desculpas se no decorrer desta exposição, me tornar fastidioso.

Estava em férias descansando das longas fadigas de um ano quando senti meu espírito elevado pelas viagens e eis que encontrando-se no Tejo o Crusador Auxiliar" Pedro Nunes" navio que desde o comêço da guerra se conservava em constantes viagens para o estrangeiro, me resolvi a solicitar de Sua Exª o Sr. Ministro da Marinha permissão de fazer esta viagem o qual me concedeu.

De Lisboa a Leixões

A partida tinha sido fixada para as 18 horas, do dia 19 de julho, mas pela volta das 16 já se via grande animação de passageiros e famílias dêstes, porque estando-se na ocasião da greve ferro-viária muitos tinham solicitado o mesmo pedido, mas únicamente até Leixões.

Eram 18 horas, os viajantes tinham já todos embarcado e o barco levantou ferro sendo nêste momento grande a aglomeração de pessoas no cais para se despedirem dos que partiam.

Começou navegando com bom lastro, mas já o sol ardente se escondia nas salsas ondas quando lá para os lados do Ocidente começou a aparecer um espesso nevoeiro o qual fez com que os passássemos por fora das Berlengas sem as avistar; navegando se assim tôda a noite até que pela volta das $11^1/_2$ horas se demandou o porto de Leixões, no mesmo momento em que o nevoeiro se dissipava podendo-se entrar a barra e fundear pela volta das 12 horas.

Depois de todos os passageiros terem de sembarcado ficando só os que se dirigiam para França e entre êles Sua Ex.ª o Sr Ministro da França em Lisboa, o navio de novo se pôs em movimento, pela volta das 15 horas com o rumo de S. Nazaire.

De Leixões a Stª Nazaire

Com um tempo magnifico seguimos tôda a costa de Portugal vendo-se os lindo trechos que êste apresenta aos olhos de todos os viajantes e assim nos despedimos dêsse belo:

.....

«jardim da Europa, à beira-mar plantado de loiros e de acácias olorosas.»

(Continua)

Raul Monteiro
7.º ano comercial

A Primavera

Oh! já em Março,
Pelos Caminhos
Canta nos ninhos
A àvesinha...
Vai se florindo
O que não era...
— É a primavera
Que se avisinha!...

Adelino Pandaio
7.º ano industrial

Querer é poder

—=

Leitores, o que vou expor, não são banais floreios de espírito, nem ornatos de amor e dedicação, que trago sempre na minha mente, por êste nosso querido periódico. São palavras sãs, francas e despidas do interêsse próprio, que muitas vezes nós vemos aliados aos cubiçosos desejos, daqueles que fazem 10, com o antecipado intúito de auferirem 100! Não!... As minhas expansões de vontade, não são mais do que a límpida água, que dimana duma fonte, nobre e honrada, que nós devemos alimentar na nossa alma, ainda fresca e pura. ¿Essa fonte, camaradas, sabeis qual é? Eu vo-lo digo: é o *brio próprio*!

E aqueles que possuem esta fonte, sempre abundante e viçosa, possuem a corrente impetuosa e imquebrantável, que os leva ao progresso na vida... *A Vontade!*

A vontade (aceitai a fraca definição) é êsse agente imaterial, invisível. que governa a perfeita máquina do organismo humano! Sem ela, o homem seria um ente mesquinho, que estacionaria nos seus costumes rudes que qualificava os primeiros ascendentes. O homem civilizado, é aquéle que pelo seu brio e fôrça de vontade, pretende sucesivamente produzir mais e mais hábilmente que o próximo; mas o brio dêste por seu turno não permite, que se humilhe e logo pretende suplantar o primeiro.

Este princípio tomado em colectividade dá origem ao progresso, se considerarmos como unidade de colectividade a nação.

Não as vemos nós, constantemente debatendo-se no progresso, gladiação que sa leva às guerras?! Donde nasce, êste caprico,h que nos revela a sciência sempre progressiva de que se não conhecem limites? No meu mesquinho pensar, sem dúvida ao brio próprio e conseqüentemente à vontade.

Perdão, mas já me estou afastando um tanto, do fim que me leva a escrever êste artigo!

Ora eu creio que sentiria chegar o rubor, às faces, se por qualquer eventualidade o nosso órgão deixasse de publicar-se e ainda mufto mais enquanto eu desempenhasse qualquer função na sua Direcção, não me envergonharia que alguêm dissesse: «Então deixou morrer o seu periódico; não teve competência para o manter?! ..» Não! Porque a mim, como Redactor, sómente me caberia uma parcela pouco maior, na relação a que me encontro com perto de 100 alunos em condições literárias para cooperarem no periódico.

Mas deixemos para longe ideia tão amara e partamos do princípio, duma manifesta ausência de vontade na cooperação do *Profissional* erróneamente fundada no acanhamento e incompetência, quando positivamente há muito competentes na sua esfera de acção germen que próximamente desabrochará uma vontade pertinaz.

Ora é o brio próprio que é forçoso que tenhamos, de sorte que colectivamente, tornemos esta obra da República, tanto mais prestimosa, quanto nos seja possível. E sabeis, camaradas, qual o modo de tornar bem evidente o nome de «Pupilos do Exército»? De fazermos desaparecer da mente a idea erróneamente espalhada, que esta casa é um Asilo»?

Que não viemos para aqui para enfadonho encargo como elementos improdutivos? De mostrarmos que aqui se trabalha e se progride, que há amor às artes e às Sciências, que dardeja o clarão da civilidade e da compreensão.

Um dos principais processos, que temos para mostrar o carácter desta obra é desenhar a sua vida interna por meio da palavra, pois foi com êsse intúito que se criou o *Profissional* êsse pequeno folheto onde nós todos desde o 2.º gráu ao 7.º ano podemos inscrever a a nossa palavra.

Infelizmente o digo esta cláusula da fundação do nosso orgão, ainda não foi pela grande maioria dos alunos compreendida! Existe sem dúvida o fraco entender daqueles, que presumem que nele só devem cooperar os mais adiantados, e tanto se hão baseado nesta suposição, que tem sido mantido apenas pelos membros da direcção.

Porêm na minha dificiente opinião, êle teria mais valia se nêle, cooperassem alunos de todos os cursos, pois que não admirará que alunos do C. Complementar escrevam mais fácilmente. Devia procurar-se o que aliás se tem pretendido, que os alunos das classes mais atrasadas cooperassem mais assiduamente de camaradagem com os cursos mais adiantados. E' isto que tôdas as Direcções se têem esforçado por conseguir e que raramente tem obtido! Mas como a nossa missão é Esperar e Confiar! Esperemos!...

Por fim o último recurso que temos, é sustentado pela Direcção que creio nunca faltará, com a sua boa vontade, compromisso a que as outras não faltaram e acho mesmo dispensável relembrá-lo: pois ninguêm poderá contestar, que o zêlo e carinho das sucessivas Direcções pelo nosso mensário, foi sempre o mais meticuloso possivel, de tal sorte que poderam, apresentar o seu órgão, o mais cor-

rectamente, que cabia aos seus conhecimentos.

Não me quero tornar mais maçudo e vou terminar, mas, não deixando de pedir aos nossos estimáveis assinantes, a sua benevolência, para quaisquer dificiências que possam advir na gerência, do nosso órgão, visto que «O êrro é proprio do homem». E a vós camaradas, eu cá fico apelando, pela vossa tão desejada concorrência para *O Profissional*

Querei que podereis.

Jaime Gil Mascarenhas
6.º ano comercial

Passado e presente

Como estás mudada, como estás diferente do que eras, tu, minha pobre aldeia! ..

Quem te tem feito passar por tanta metamorfose?

Não respondes. Bem sei!...

Sempre tens sido assim.

Nunca soubeste, nem has-de saber falar.

Ah!... se tu falasses...

Que me contarias?

Desculpa! Desculpa pois fazer-te perguntas, mas momentos há na minha vida que perco por assim dizer a razão e agora nêste, sinto a necessidade de desabafar, contando-te tôda a triste vida, ou interrogar-te acêrca de mil e uma coisas, pois acho linda essa tua muda resposta, o «silêncio sepulcral».

.....

Como não conheço ninguêm!...

Como todos me olham com indiferença!...

.....

Eis enfim um amigo!...

– Então não me conheces?

Não te lembras do teu velho João?

— Como querias que te conhecesse aos primeiros momentos, se há quási 50 anos que deixaste a aldeia?

— Sim, tens razão!...

Mas o teu olhar amigo, nunca se apagou do meu pensamento no decorrer de tantos anos.

Tenho vivido só da recordação.. «Recordar é viver.»

Nunca ouviste estas palavras?

— Já sim.

— Pois é isso mesmo que ela tem sido para mim.

— Mas amigo João, dize-me:

Vieste visitar a aldeia que te viu nascer, aquela onde nós em pequenitos tanto brincávamos?

Pois bem. Benvindo sejas.

Lembrávas-te muito dela?

Sim. A todos os momentos como já te disse, se me afigurava na sua pequenez.

Tinha uma viva saüdade de a não tornar a ver, antes que a morte me viesse arrebatar, nas suas aduncas garras.

— Eis enfim o teu querido desejo satisfeito.

– Satisfeito! Sim! Satisfeito!

Pode ela vir agora com o seu manto negro e recolher-me para sempre na eternidade.

— Mas já que recordar é viver, falemos um pouco da nossa infância.

Quantas vezes nos reünimos ao pé do poço? Lembras-te? Já não existe, não é verdade?

Que pena!...

— Éramos tão felizes, chamavam-nos até irmãos!...

Como tem corrido veloz o tempo.

— Recordas-te dum jardinzinho que outrora existiu todo cercado por uma linda parreira?

Como era bonita!...

(Continua)

Nascimento Cabrita
5.º ano comercial

João Rodrigues Palma

Vitimado por uma tuberculose, faleceu no dia 21 do corrente pelas 6 horas na enfermaria do Hospital do Rego o nosso, chorado camarada João Rodrigues Palma Júnior.

O desditoso condiscípulo, era aluno do 5.º Ano Industrial, contava em cada camarada um seu amigo dedicado, e todos o choram com profundo desgôsto. O féretro saiu do Hospital, acompanhado pelos senhores professores e oficiais, alguns alunos dêste Instituto e uma deputação de alunos do Colégio Militar dirigindo-se para o cemitério de Benfica e ao passar junto ao edifício incorporou-se um pelotão de alunos.

A' porta do cemitério foi prestada a devida guarda de honra por um pelotão de alunos devidamente equipados.

O infeliz camarada foi arrebatado pela negra morte, quando dentro da sua alma ia desabrochando a flor da vida, deixou após si o ingente e lúgrube vácuo da saüdade, que não deixa repercutir até à sua fria morada, os piedosos choros de sua desditoza família.

Em nome dos meus colegas envio à familia enlutada as mais sinceras condolências.

Salgueiro Máximo
4.º ano comercial

ECOS

Felicitâmos os nossos ex-camaradas Santos, A. Amaral, Isidoro, Oliveira, Mateus, Cabral, e Correia pela sua recente promoção ao posto de 1.os sargentos, como alunos da Escola Militar.

Igualmente nos congratulâmos,em dar a notícia dos alunos que saíram no ano lectivo findo, com o Curso Complementar dêste Instituto, com o posto de 1.os Sargentos: Lucas, Gouveia, Moedas, Vidigal e Ramalho que tiraram licença para estudos e freqùentam o 1.º ano do Instituto Superior de Comèrcio e Americo, Castanheira e Simões freqùentando os dois últimos a Escola Industrial de Lisboa.

Habilitados, com o curso Elementar, saíram como 2.os sargentos os nossos ex- colegas Sequeira, Arménio, Santana, Rui, Brito, Amaral, Benades, Conde e Pires, que foram freqùentar as Escolas Comercial e Industrial de Lisboa e o último a Escola Industrial do Porto.

Também com o curso Elementar saíram os nossos ex-camaradas; Amilcar, como 2.º Sargento e Mário Alves como empregado do Comércio.

Com o 4.º ano do C. Elementar saíram os nossos ex-camaradas Figueira, Travassos e Lage; os dois primeiros 2.os sargentos e o último, com o diploma de empregado do comércio.

Os alunos do 3.º ano do Curso Oficinal saíram todos 2.os sargentos: Roxo, Miguel, Matias, Nogueira, Severo, Luis, Lopes, Sengo, Aguiar e Chaves,

Devemos notar com orgulho que os alunos do 7.º ano ficaram todos distintos no seu exame para 1.º sargentos. Os candidatos a 2.os sargentos, obtiveram na sua maioria a classificação de distintos.

Temos a subida honra de transcrever aqui, as expressões deixadas no nosso livro de visitas, pelas personalidades de destaque, quando da sua assistência à festa do encerramento do ano lectivo passado, organizada pelos nossos ex-camaradas do 7.º ano.

A DIRECÇÃO

Como as minhas saúdações a quantos tanto se esmeram em dar a condigna educação, aos alunos desta estabelecimento, felicito designadamente o seu zeloso e esclarecido Director pela acção de unidade que nêle tão hábilmente tem sabido manter. — a) ***José Estevão Morais de Sarmento*** — General Divisão q. r. Inspector do estabelecimento da obra social e tutelar.

De entre as belas obras da República, êste estabelecimento deve ser incluída no número das melhores.

Visitei demoradamente as suas instalações e fiquei maravilhado.

Saúdo por êste motivo o corpo docente do Instituto e todos aqueles que têem dado o seu esfôrço verdadeiramente patriótico para os seus progressos.— Lisboa 29 Junho de 1919. a) ***Francisco António Correia***, Director do Instituto Superior do Comércio.

As impressões colhidas na Exposição dos trabalhos dos alunos dêste estabelecimento, não se descrevem.

Sentem-se; comovem; encantam. Tudo quanto os poderes públicos possam dispensar para o desenvolvimento desta grande obra de educação não será nunca o suficiente. A República deve-lhe muito carinho. A Pátria pode considerá-la uma das melhores oficinas de preparação do cidadão para o futuro.

Saio enternecido e se mais vezes eu podesse visitar oficialmente êste estabelecimento modelar fá-lo-hia com a consciência de cumprir um dever. Como cidadão não o esqueço; como republicano tê-lo-hei sempre presente. Em nome de S. Ex.ª o sr. Presidente da República e no meu faço os mais fervorosos votos pela prosperidade do Instituto Profissional do Exército. – a) ***Domingos Pereira***, Presidente do Ministério.

Na minha velhice sou hoje moço. A vida, a alegria sentem-se nesta admirável casa de ensino.

O trabalho com rendimento. Vê-se predominar a esperança funda no futuro, duma raça nova e altiva e «que dará novos mundos aos mundos» e que fará certamente o maior exemplo de evolução presente para atingir o progresso redentor da Pátria, com esfôrço colossal de todos. Que conjunto tão harmonioso no trabalho e sua Educação.

Eis porque me sinto remoçado, e é com essa intensa suave recordação da mocidade, onde há fôrça, vida e entusiasmo que saúdo todos desde o Ex.mo Director até o mais pequeno aluno. – a) ***Antonio Baptista***, Ministro da Guerra.

Este Instituto é a maior obra de Educação da República. Se a República tivesse desde o seu alvorecer o cuidado de todos os ramos de Instrução pública e de todos os Estabelecimentos de Ensino como cuidou do I. P. P. E. decerto que não teria corrido o perigo que correu e que a nova geração não seria como é, uma geração prevertida e abandonada na sua maior parte.

Tenho por este Instituto o maior carinho e a mais estremecida admiração. Sou amigo e antigo condiscípulo de alguns dos seus ilustres professores. Todos são bons leais e ardentes republicanos. Basta lembrar os nomes de João Soares, Ribeiro Gomes, Liberato Pinto, C. Chamiço para verificarmos que a razão dos educandos dêste Instituto serem tão bons e tão dedicados à República, está na escolha do seu corpo docente.

E daquí podemos bem concluir que a republicanização do ensino, depende em grande parte, ia a dizer quási exclusivamente, dos professores.

Nunca esquecerei do que a grande obra da Liga Nacional da Mocidade Republicana deve a alguns dos antigos educandos dêste Instituto que foram seus fundadores e sempre seus adeptos fervorosos. E nunca poderei esquecer também que o capitão R. Gomes depois do milagre do Monsanto, me contou cheio de comoção que naquelas horas trágicas da traição monárquica, foi difícil à Direcção deste Instituto conter os jovens e leais republicanos seus alunos que queriam tambem dar os sens belos esforços à vitória sagrada da República. — ***Nóbrega Quental.***